

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

O FUTEBOL DA SOCIEDADE BRASILEIRA:
ANÁLISE DE UM TIME DA SÉRIE A-3 DO
CAMPEONATO PAULISTA DE 2004

GUSTAVO BISSOTO GUMIERO

CAMPINAS
2004

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA



O FUTEBOL DA SOCIEDADE BRASILEIRA

GUSTAVO BISSOTO GUMIERO

ORIENTADOR: Prof. Dr. Jocimar Daolio

Monografia apresentada à
Faculdade de Educação Física
da Universidade Estadual de
Campinas, como requisito
parcial para a obtenção do título
de Bacharel em Treinamento
em Esportes.

CAMPINAS
2004

Agradecimentos

Ao meu Senhor Jesus Cristo, por me conceder o privilégio de estudar na Unicamp. Deus é Fiel.

Aos fantásticos professores que me ajudaram nessa caminhada.

Aos sempre amigos Branco e Pablo. Ao Branco, pelas longas e prazerosas “resenhas”. Ao Pablo, que me fez usar o “óculos sociológico” quando me deu o livro “Sociologia do Futebol”

Ao meu pai, pelo apoio e incentivo em todas as atividades da minha vida.

Ao meu orientador, Jocimar Daolio, pela atenção, pelo cuidado e pelo carinho com que me ajudou.

Aos colegas de classe, pelas longas conversas e discussões sobre o futebol.

Aos times nos quais joguei nesses cinco anos de faculdade C.A. Guaçuano, E.C. XV de Jaú, A.A. Ponte Preta e Rio Claro F.C. e seus respectivos funcionários.

Parafreseando DaMatta, dedico a todos os jogadores de futebol, que nos fizeram acreditar mais em nós mesmos.

SUMÁRIO

RESUMO	6
AQUECIMENTO	7
ENTRANDO EM CAMPO	8
I - PRIMEIRO TEMPO	9
AS ORIGENS DOS JOGOS COLETIVOS COM BOLA E DO FUTEBOL MODERNO.....	9
O CONTEXTO SOCIAL DO BRASIL NO FINAL DO SÉCULO XIX	11
A (DES)MITIFICAÇÃO DE CHARLES MILLER COMO "PAI" DO FUTEBOL BRASILEIRO.....	12
AS CARACTERÍSTICAS DO FUTEBOL	14
A POPULARIZAÇÃO DO FUTEBOL	16
TENSÕES ACERCA DA POPULARIZAÇÃO DO FUTEBOL	21
INTERVALO	27
II - SEGUNDO TEMPO	29
FUTEBOL BRASILEIRO: UMA VISÃO SOCIOLÓGICA	29
O MITO DA ASCENSÃO SOCIAL	32
ACRÉSCIMOS	34
III - FICHA TÉCNICA DA PARTIDA	36
LOCAL DO JOGO	36
ESCALAÇÃO	37
NOTAS DOS JOGADORES.....	38
IV - MESA REDONDA	40
DEBATE SOBRE A PARTIDA	40
V - AO APAGAR DAS LUZES E FECHAR DOS PORTÕES	46
VI – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	47
VII - ANEXOS	49
ANEXO A. QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ATLETAS	49
ANEXO B. CARACTERIZAÇÃO COMPLETA DO GRUPO.....	50
ANEXO C. ÍNTEGRA DAS ENTREVISTAS	53

O FUTEBOL DA SOCIEDADE BRASILEIRA

RESUMO

O futebol é o esporte mais popular Brasil e do planeta. É por meio dele que o brasileiro se apresenta perante as outras nações do mundo. Para uma melhor compreensão desse esporte e das dimensões que ele alcança na sociedade brasileira, faz-se necessário entender o contexto social em que ele surgiu na Inglaterra, como ele chegou ao Brasil e por que se encaixou tão bem em nosso país, popularizando-se até hoje em todas as camadas sociais.

O presente estudo objetivou analisar o futebol brasileiro do ponto de vista socio-antropológico e, para isso, fomos a campo, em um time profissional da terceira divisão do campeonato paulista, conversar com os protagonistas – os jogadores, querendo saber a que grupo pertencem, como surgiu o interesse deles em se tornar jogadores, como eles se sentem em suas respectivas carreiras e quais são os objetivos futuros. Os dados quantitativos e qualitativos permitiram qualificar o grupo, perante o nível de escolaridade, renda, e outros aspectos sócio-culturais. Comparamos também esse grupo perante a população brasileira no intuito de buscar uma melhor compreensão sobre o mito da ascensão social através do futebol. Nas entrevistas, constatamos que parece haver uma linha de pensamento que, através do trabalho, dedicação, um pouco de sorte e a ajuda de Deus, poder-se-ia ascender a um clube grande e obter o reconhecimento profissional e financeiro sonhado, e realizar o sonho de chegar à seleção brasileira de futebol.

Palavras-chave: 1.futebol; 2.esporte; 3.sociedade.

AQUECIMENTO

Hoje um dos meios mais significativos para se conhecer uma determinada sociedade é visitar um estádio de futebol e analisar todas as pessoas envolvidas neste evento. Os gestos, as expressões, as emoções, enfim, a forma de se manifestar pode ser altamente positiva para se compreender certo grupo, certa sociedade, na medida em que o futebol é uma forma de identidade nacional.

O antropólogo Desmond Morris, na introdução de seu livro “A tribo do futebol” (1981) pergunta se uma final de Copa do Mundo de Futebol fosse vista por alienígenas a bordo de um disco voador, como a teriam explicado? Seria uma dança sagrada, uma cerimônia religiosa, quem sabe uma batalha ritual? Se eles fossem analisar todas as nações do mundo, certamente veriam uma construção côncava com um retângulo verde no meio, onde semelhantes rituais de pontapé na bola seriam dados. Chutar a bola, sem dúvida, tem um significado muito grande para a espécie humana. O alienígena descobriria mais tarde que o ritual de chutar a bola chama-se futebol e é considerado esporte para os terráqueos.

Esse mesmo futebol, que se tornou o esporte mais popular do Brasil já no início do século XX, transformou-se em referência, em um modelo para o mundo. É um dos meios mais importantes pelo qual a sociedade brasileira se expressa. Para entender o complexo universo do futebol brasileiro, é necessário conhecer como e por quem foram dados os primeiros pontapés, qual o contexto social que o futebol encontrou no Brasil quando aqui chegou, por que ele logo se popularizou, como até hoje ele ganha fiéis torcedores, qual a causa pela qual nossa identidade nacional perante o mundo é revelada por meio dele. Qual seria a razão de muitas crianças (meninos e meninas) nutrirem o sonho de se tornarem jogadores de futebol? Como se



criou o mito da ascensão social através do futebol e por que a cada ano que passa se torna mais forte?

Na primeira parte do presente trabalho, analisamos como o futebol moderno – cujas raízes são inglesas – chegou ao Brasil e o que ele viria a representar para a população da época, a ponto de ter se tomado o esporte mais popular.

Analisando o futebol como integrante da sociedade brasileira, tentamos apurar porque o brasileiro encontrou no futebol uma de suas formas de se expressar; ainda levantamos as possíveis causas acerca do mito da ascensão social através do futebol.

Na segunda parte, através da pesquisa de campo com um time da terceira divisão do Campeonato Paulista de Futebol de 2004, compreendemos melhor e caracterizamos o grupo que foi entrevistado para descobrir seus aspectos econômicos e sócio-culturais. Também perguntamos aos atletas como ascendeu o sonho de se tornarem jogadores de futebol, o que eles analisam de suas carreiras atuais e quais objetivos têm para o futuro.

Terminada essa etapa de treinos preparatórios, é hora de beijar a medalhinha, fazer o sinal da cruz e entrar em campo.

ENTRANDO EM CAMPO

O presente capítulo tem como objetivo mostrar as origens do futebol nas sociedades antigas, o surgimento do futebol moderno – tal qual como conhecido hoje – na Inglaterra, como se deu a sua chegada ao Brasil, por que Charles Miller foi conhecido como o pai do futebol brasileiro, quais são as características desse esporte, por que e como se deu sua popularização no eixo Rio-São Paulo, mostrar a discussão acerca do amadorismo *versus* profissionalismo e a atuação da imprensa.

I - PRIMEIRO TEMPO

As origens dos jogos coletivos com bola e do futebol moderno

As origens do jogo, que o inglês Richard Giulianotti (2002) nomeia como “futebol primitivo”, remontam a tribos da América Central e do Amazonas, que já praticariam jogos com bola em 1.500 a.C. Na Antigüidade, os romanos teriam um jogo denominado *harpastum* e os gregos, o *episcyros*. Mas provavelmente seja na China que se tenha a mais convincente prova da mais antiga história do futebol: já seriam manufaturadas bolas de pedra para serem chutadas em um espaço designado. Era o chamado *cuju*, cujas regras em muito se assemelhavam às do futebol. Aidar & Leoncini (2002) também relatam que o futebol teria surgido na China em 2.600 a.C. Seria o *tsü tsü*, um antigo ritual de guerra. Após os combates, a tribo vencedora jogaria uma espécie de futebol com a cabeça do chefe inimigo e os guerreiros derrotados mais valentes.

Na Europa, tem-se notícia do *calcio*, que em italiano significa “chute” ou “coice”, e que seria uma forma de lazer da nobreza italiana no século XIV. Seria jogado por dezenas de pessoas. Para organizar melhor a atividade, o número de pessoas poderia ser limitado a no máximo 30 nobres por equipe. O *calcio* teria sido levado para a Bretanha no século XVII pelos partidários de Carlos II, que foram exilados na Itália.

O *mob football* (futebol popular) teria sido praticado nos burgos da Inglaterra, nos jogos de anarquia e violência da terça-feira de carnaval (manifestações populares). Foi lá, também, que ele teria sofrido uma mudança de significado e função nas escolas da burguesia, passando de jogo a esporte. Além de terem sido criadas novas regras, nasceria também uma filosofia em torno dele: ele seria capaz de formar



o caráter, nele se manifestaria a vontade de vencer, mas a mesma se conformaria de acordo com as regras (*fair play*) (Aidar & Leoncini, 2002).

No início do século XIX, Thomas Arnold, que acabara de se tornar diretor de uma escola na cidade de *Rugby*, teria utilizado a educação física e o esporte para promover o que ele chamava de “ordem social”. Um de seus objetivos era ensinar virtudes de liderança, lealdade e disciplina e para isso ele aplicava o antigo pensamento de *mens sana in corpore sano* (mente sã em corpo são). O futebol serviria, então, como meio de controle dos adolescentes por parte das instituições de ensino (Santos Neto, 2002).

Foi nessa época também que aconteceu o primeiro passo para que as regras do “Association Football” – o futebol tal como conhecido hoje – pudessem ser codificadas. Mas houve dissidências entre dois grupos de veteranos: de um lado, os de *Rugby* e *Eton*, e do outro, os veteranos de *Harrow* (Giulianotti, 2002). Os alunos de *Harrow* foram os primeiros que tornaram as regras do futebol impressas e logo criaram a *Football Association* (F.A.), enquanto os de *Rugby* reformularam as regras do jogo que leva seu nome. As regras do *Rugby* permitiam, entre outras coisas, o uso das mãos e de pontapés nas canelas.

No ano de 1872, a copa da F.A. (organismo a que todos os clubes e instituições menores se filiavam) foi disputada por escolas públicas. Foi também nesse momento, em que parte das nações da Europa e América Latina estava negociando suas fronteiras e formulando suas identidades culturais, que parece ter havido a difusão internacional do futebol (Giulianotti, 2002).



O contexto social do Brasil no final do século XIX

Para entendermos como o futebol chegou ao Brasil e teve essa crescente popularização, devemos analisar como se deu a formação da sociedade brasileira em meados do século XIX, na medida em que os aspectos do futebol somente passam a ser significativos quando colocados em seu contexto histórico e cultural.

O historiador José Moraes dos Santos Neto (2002) aponta que no Brasil, naquela época, havia grande número de imigrantes vindos principalmente da Europa e do Japão. Chegando aqui, encontravam emprego geralmente nas fazendas de café, o qual era o principal produto de exportação da época. A expansão do setor cafeeiro parecia gerar condições favoráveis à urbanização e ao aparecimento das indústrias. Parecia haver também um forte movimento abolicionista (que culminou na Lei Áurea em 1888) liderado pela recente classe média urbana; e o movimento republicano parecia tomar corpo.

Em 1872, apenas 15,8% da população brasileira era alfabetizada. Em meio a tudo isso, iniciava-se o debate sobre como erguer um sólido sistema educacional, já que os filhos da elite brasileira tinham de estudar na Europa. Foi então que o deputado Rui Barbosa apresentou o seu parecer sobre a Reforma do Ensino Primário e das Instituições Complementares de Instrução Pública. Ele defendeu, no capítulo que trata da educação física nas escolas, a introdução de exercícios ao ar livre e o incentivo pelas escolas de atividades esportivas após o período normal de aulas (Santos Neto, 2002).

Havia também outras recomendações defendidas por Rui Barbosa: a fundação de uma Escola Normal de Ginástica (a qual teria a função de formar professores); a introdução de práticas esportivas em horários diferentes do recreio e a sugestão para que as escolas incentivassem atividades esportivas após o período normal de aulas.



Foi em busca dessas características que os principais colégios do Brasil (responsáveis pela formação da elite) enviaram “embaixadores” a colégios europeus. O futebol viria a ser uma opção para o Brasil, na medida em que se encaixava no perfil proposto pelo deputado (Franzini, 2003).

A (des)mitificação de Charles Miller como “pai” do futebol brasileiro

Quanto à chegada do futebol no Brasil, vários jornalistas da época, como Thomaz Mazzoni, apontavam para o nome de Charles Miller, o qual viria a ser conhecido como o “pai do futebol brasileiro”.

Charles Miller foi um paulistano, filho de ingleses, e como os filhos da elite da época, foi estudar na Europa. Na Inglaterra, Miller havia feito 41 gols em 25 jogos disputados pelo time de seu colégio. Isso rendeu-lhe convites para integrar equipes de maior porte da Liga Inglesa de Futebol. Miller então jogou pelo time de *Hampshire* e posteriormente pelo *Southampton*. Na sua volta ao Brasil, ele teria trazido duas bolas e as regras do futebol. (Brunoro & Añf, 1997). No entanto, o seu pioneirismo reside apenas no fato de ter iniciado a prática do futebol em um clube, pois o futebol já havia chegado ao Brasil pela ação dos colégios, em geral religiosos (Santos Neto, 2002), e também através de marinheiros ingleses em 1864 (Giulianotti, 2002).

Na verdade, Charles Miller parece ter sido o responsável pelo início do segundo momento do processo de introdução do futebol no Brasil, a partir de quando o esporte passaria a atrair mais adeptos por ser praticado nos clubes. No entanto, cabe aqui lembrar que não havia mudança no que diz respeito à classe social a qual pertenciam os jogadores: se nos colégios jogavam os filhos dos membros da elite brasileira, nos clubes jogavam os mesmos filhos de imigrantes mais nobres. Faz-se necessário ressaltar que o futebol era “restrito”, em princípio, à classe dominante.



“Restava uma barreira social entre o futebol e os milhões de jogadores, técnicos e torcedores em potencial que compunham a população brasileira” (Santos Neto, p.30, 2002).

Mas, como explicar então a origem do mito segundo o qual Charles Miller seria o pai do futebol brasileiro? Tem-se a impressão de que se Miller não tivesse trazido duas bolas, o Brasil teria chegado até hoje sem conhecer o futebol. No entanto, é preciso deixar claro que algo dessa magnitude jamais ocorreria exclusivamente por iniciativas individuais. O futebol começava a receber certa atenção da imprensa exatamente no momento em que chegava aos clubes. Foram esses também os primeiros a organizarem arquivos acerca do esporte que praticavam (Santos Neto, 2002). O aumento da cobertura do futebol coincidiu com a circulação crescente dos jornais, os quais, por sua vez, teriam sido ajudados ao ascendente interesse pelo futebol (Levine, 1982).

Concomitantemente, os habitantes do eixo Rio-São Paulo viviam novos tempos: uma vida mais veloz, mais moderna, mais dinâmica. Assim, os costumes tradicionais – os quais não eram mais suficientes para atender às exigências do progresso – tiveram de ser alterados. *“Era uma época de grande mudança, em que a economia nacional deixava de ser apenas agrária para ir gradativamente ao encontro de formas industriais de sociedade”* (Bertolli Filho, 1982, p.91).

Seria na formação desse ambiente que o esporte poderia atender aos anseios da população da época, já que haveria extrema valorização dos hábitos estrangeiros pelas elites urbanas brasileiras. A população brasileira (principalmente a da elite), em busca de hábitos “civilizados”, teria abraçado o futebol, visto como algo novo, importado e saudável. Charles Miller teria sido, então, um símbolo, um “modelo” da penetração dos costumes europeus. *“As tradições são socialmente construídas pelos que têm*



poder, para proteger seus interesses materiais e políticos e consolidar sentimentos particulares ou “mitos” de identidade nacional” (Giulianotti, 2002, p.11).

À medida que se aproximavam os costumes e os esportes, os habitantes do Brasil poderiam sentir-se “nivelados” em gostos e atitudes aos europeus. O futebol serviria, então, como elemento que aproximaria os brasileiros aos europeus: basta lembrar que o futebol veio da Inglaterra, e nele utilizavam-se (e ainda se utilizam) expressões da língua britânica (*corner, off-side, back*). Era o modo comum de pensar, de agir, de se “internacionalizar”.

Na virada do século XIX para o XX, o futebol e as modas européias, unidos, faziam parte dos ideais civilizatórios. O futebol devia trazer tonificação de músculos e também seria responsável por formar nobres cidadãos e responder pelo ideal do autocontrole (Soares & Lovisoló, 2003). Impondo formas burguesas de estilo de vida, os homens seriam transformados segundo critérios universais, assim como o comércio que se iniciava também o era. O ingresso do futebol em São Paulo e no Rio de Janeiro não teria sido um fato isolado. Ele aconteceria cercado de muitos outros costumes e hábitos importados, dentre eles, o chá da tarde, a moda, o mobiliário das casas e até o envio de rosas às senhoras. Desta forma, através da valorização de Charles Miller, se “esqueceria” a tradição local (Shirts, 1982).

As características do futebol

Mas por que o futebol se popularizou dessa forma, atingindo todas as classes sociais, transformando-se na forma pela qual o brasileiro responderia por sua “identidade nacional”? Primeiro, é interessante pensarmos em suas *características*: o futebol é um esporte de equipamentos simples (o que pode constituir uma atração para as classes mais baixas), não requer traje específico (pode ser jogado até mesmo



descalço), é jogado em qualquer espaço público e aceita diferentes formas e tamanhos corporais (pois para cada posição há uma forma física favorável). Poucas regras devem ser obedecidas: não é permitido jogar com as mãos (exceção feita ao goleiro) e cada time tenta ganhar do outro por meio do maior número de gols marcados em um baliza ou em um gol reconhecido. Até mesmo essas regras podem ser alteradas para adaptar ao treino ou ao local do jogo. Outras regras – como a do impedimento, pênaltis, número de jogadores, tempo de jogo – podem ser combinadas entre os jogadores antes dos jogos. Essa relativa flexibilidade reflete o fato de aqueles que o praticam em todo o mundo poderem jogar em qualquer circunstância, sob qualquer adversidade: joga-se tanto nos campos oficiais como nas ruas, nas praias, em campos menores, no quintal de casa. Joga-se com sol, joga-se com chuva. Mas não caímos nessas características simplistas acerca do futebol. Apesar do que foi citado, o presente estudo apresenta outros aspectos que consideramos essenciais na prática propriamente dita do jogo.

Byinton¹ (1982 apud Daolio, 1997) considera o futebol revolucionário exatamente pelo fato de ser praticado com a parte inferior do corpo (com os pés). Daolio (1997) vai além, dizendo que é possível que o indivíduo brasileiro, sendo uma mistura das raças negra, indígena e branca, tenha maior facilidade histórica e cultural com os pés para a prática do futebol do que indivíduos de outros países. Para isso, ele compara o futebol com a capoeira, o samba e certas danças indígenas, constatando que a realização dessas práticas é feita com os pés. Ainda destaca outros aspectos que são a necessidade e importância do drible em uma partida; e também o fato do futebol permitir a livre expressão individual, na medida em que o mesmo, em determinados momentos, até incentiva jogadas individuais.

¹ BYINGTON, C. **A riqueza simbólica do futebol**. Psicologia atual. 5(25) p.20-32, 1982.



O mesmo autor mostra que parece ter havido uma combinação perfeita entre o futebol e o contexto cultural da sociedade brasileira no início do século XX. O estilo de jogo do futebol teria se adaptado às características sócio-culturais do povo brasileiro. Assim, esse novo esporte que chegava da Inglaterra não seria responsável apenas por oferecer à população momentos de prazer, mas vivenciar uma série de situações e emoções típicas do brasileiro. O futebol seria um modelo da sociedade brasileira e um exemplo para ela se apresentar. *“Por um lado, ele seria a própria sociedade brasileira e refletiria, no outro lado, um modelo para ela se expressar”* (Daolio, 2000, p.35). O futebol seria, então, um dos meios que representariam o homem brasileiro.

A popularização do futebol

O futebol começava a se popularizar com o surgimento de vários times, em princípio, da elite paulistana e, posteriormente, os chamados “populares”, do outro lado da pirâmide futebolístico-social, os quais eram formados por trabalhadores italianos, alemães e portugueses, que vinham chegando à cidade desde a transição da escravatura para o trabalho livre e que, agora, trabalhavam no campo, nas indústrias e ferrovias. Havia também times formados por mulatos e negros que eram ambulantes ou viviam de trabalhos domésticos. Vendo esse quadro, logo percebemos que o futebol já havia se tornado popular em várias áreas da cidade de São Paulo (Santos Neto, 2002).

O futebol em São Paulo alcançava a paixão e o interesse de todas as classes sociais e substituía rapidamente a pelota basca², o turfe e o críquete como esporte

² Jogo em que participam dois ou quatro jogadores munidos de pala, que arremessam a bola contra uma parede frontal, num local especialmente preparado.



favorito da elite paulistana ao mesmo tempo em que a cidade de São Paulo assistia a uma enorme expansão da pobreza, grande crescimento populacional e acelerado desenvolvimento industrial. *“Isso não combinava com a imagem de cidade européia que a elite paulistana gostava de cultivar para seu próprio deleite”* (Santos Neto, 2002, p.53).

O futebol, em princípio, era praticado nas margens dos rios Tietê e Tamanduateí. Os clubes de elite alternavam-se em campo com os chamados populares. Em 1901, no intuito de evitar essa convivência, dirigentes do Clube Atlético Paulistano pedem, e com a ajuda da prefeitura, conseguem transformar o velódromo que havia na cidade em campo de futebol (Santos Neto, 2002).

O mesmo autor, ao analisar relatos jornalísticos da época, relata que havia resistência aos times considerados populares, aos quais era dado tratamento pejorativo. Para os jornalistas, havia o “grande futebol”, o das elites, e o “pequeno futebol”, dos times de várzea. *“Os times populares eram vistos como brutos, incapazes de seguir as regras de conduta do futebol! [...] e foram ridicularizados”* (Santos Neto, 2002, p.53).

O campeonato paulista teve início no princípio do século XX e teve três momentos marcantes e importantes: em 1901, com a criação da Liga Paulista de Futebol (LPF), formada por cinco times da elite. Em 1913, com a cisão da LPF e fundação da Associação Paulista de Esportes Atléticos (APEA). E em 1917, com a “absorção” da LPF pela APEA (Santos Neto, 2002).

Para selar a separação entre o futebol de elite e o “popular”, foi criada em 13 de dezembro de 1901, a Liga Paulista de Futebol (LPF), reunindo os cinco times da elite paulistana. Os primeiros times de futebol da elite paulistana foram o São Paulo Athletic Club, o Paulistano, o Mackenzie, o Germânia (atual Pinheiros) e o Sport Club



Internacional. Nos anos seguintes, na medida em que a competitividade do futebol de “várzea” foi crescendo, os times populares começaram a forçar sua entrada no futebol oficial e o Ipiranga Futebol Clube consegue a sua filiação (Storti & Fontenelle, 2004).

Em 1913, a LPF se divide e é fundada a Associação Paulista de Esportes Amadores (APEA). Os motivos da cisão foram a entrada do Sport Club Corinthians no futebol oficial (era um time “popular”) e a queixa pelos clubes de elite pela queda do “nível social” dos jogadores e torcedores, os quais estariam tumultuando o campeonato (Santos Neto, 2002).

Pelo campeonato oficial da APEA, no primeiro ano, disputaram apenas três times: Paulistano, Mackenzie e Palmeiras. Apesar do número reduzido de clubes, o campeonato da APEA teve mais cobertura da imprensa por ser de caráter elitista.

Em 1917 ocorre a reunificação do futebol paulista: na prática, a Liga Paulista de Futebol foi absorvida pela APEA, que decidiu incluir Internacional e Corinthians em sua primeira divisão. Nesse ano também foi criada a segunda divisão, da qual participaram outros times vindo da LPF (Santos Neto, 2002).

Para o mesmo historiador, o futebol já aparecia no começo do século XX em outras cidades do interior de São Paulo. Em 1900, na cidade de Sorocaba, foi fundado o Sport Club Savóia. Em Campinas, o escocês Thomaz Scott, contramestre das oficinas da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, ensinou o futebol no bairro Ponte Preta, e em 1900, com a ajuda dos moradores daquela região, fundou a Associação Atlética Ponte Preta. Em 1902, Scott mudou-se para Jundiaí e em 1903 fundou o Jundiahy Football Club, time composto basicamente por ferroviários.

O futebol também já havia chegado ao Rio Grande do Sul, onde, em 1900, o alemão Johannes Christian Moritz Minemann e seus amigos fundaram o Sport Clube Rio Grande, o qual seria o primeiro clube de futebol do Brasil, em 19 de julho de



1900 (Napoleão, 2004). Isso aconteceu menos de um mês antes da fundação da Associação Atlética Ponte Preta, em Campinas, em 11 de agosto de 1900.

Assim como em São Paulo, no Rio de Janeiro é comum apontar-se apenas para um nome como o precursor do futebol: Oscar Cox. Ele havia retornado da Suíça em 1897 (onde foi estudar), e teria trazido bolas e equipamentos necessários à prática esportiva. Interessante notarmos as semelhanças entre Charles Miller e Oscar Cox: ambos eram jovens, nascidos no Brasil, porém de nome estrangeiro. Suas famílias teriam buscado na Europa a educação que eles não poderiam ter no Brasil. Eles teriam trazido de lá “*a semente de novas práticas e tradições*” (Pereira, 2000, p.22).

Mas o futebol já seria praticado nos clubes, nas exibições de marinheiros perto do cais e nos colégios. Na verdade, Cox teria sido o responsável por trazer as regras do esporte bretão e organizar os primeiros jogos entre clubes do eixo Rio-São Paulo. Já havia relatos de que ele fosse praticado também no Colégio de Petrópolis em 1895 (Santos Neto, 2002).

Em 1872 havia no Brasil 522 mil cariocas contra 200 mil paulistanos e soteropolitanos. Já em 1906, o Rio de Janeiro abrigava uma população de 811 mil pessoas. Dos estrangeiros que residiam na cidade, dois terços eram portugueses. A cidade vivia o movimento de modernização, cosmopolitismo, da “*bela época*”, em que se dava muito valor às tradições européias (Europa significava basicamente Inglaterra e França). Um exemplo da “*bela época*” é o fato de, em 1920, terem sido encenadas 73 peças de ópera, número inatingido até hoje (Mattos, 1997). Estes dados sugerem que a população carioca estava receptiva a importar e aceitar costumes europeus.

A vida econômica do Rio de Janeiro girava em torno do porto. Era por ele que entravam cargas, viajantes, mas também doenças como a febre amarela. O então prefeito da cidade, Pereira Passos, impõe a “*reforma urbana*”, desativando cortiços,



casas de cômodos e estalagens. Essas reformas urbanas modificariam a disposição geográfica do Rio de Janeiro. Os habitantes mais ricos iam para a Zona Sul, enquanto os mais pobres, para os morros. Os clubes de futebol também começavam a surgir nessa época. Em 1902, jovens de um bairro nobre da cidade chamado Laranjeiras, fundam o Fluminense. O Botafogo também é fundado. Flamengo e Vasco da Gama, fundados respectivamente em 1895 e 1898, eram primeiramente clubes de remo, o esporte nobre da época (Pereira, 2000).

No Rio de Janeiro, o governo teria começado a estimular a difusão do futebol como forma de substituir a capoeira, usada nos conflitos de rua gerados em 1904 pela Revolta da Vacina³. O futebol teria sido usado, então, para distrair a população carioca e para afastá-la de suas tradições (Pereira, 2000).

Em 1901, aconteceram dois jogos entre paulistas e cariocas. Os futuros dirigentes ficaram entusiasmados com o sucesso desses confrontos e os paulistas, como vimos, fundaram a LPF em 1901; no Rio de Janeiro, quatro anos mais tarde, em 1905, surgiu a Liga Metropolitana de Foot Ball (Santos Neto, 2002).

Um exemplo de como o futebol já havia se popularizado no Rio foi a viagem do *Exeter City F.C.*, clube de profissionais da terceira divisão da Inglaterra, que chegou ao Brasil em julho de 1914. A presença dos jogadores teria causado um alvoroço na cidade do Rio de Janeiro. Milhares de pessoas teriam ficado horas em frente ao Hotel dos Estrangeiros na esperança de ver os jogadores britânicos (Napoleão, 2004).

³ Conflito em que os habitantes cariocas não queriam ser vacinados contra a varíola.



Tensões acerca da popularização do futebol

A popularização do futebol, como vimos, foi marcada por tensões e conflitos de toda ordem – sociais, econômicas e políticas.

“Vale lembrar que a própria popularização do jogo tornou-se fontes de conflitos e polêmicas, à medida que o crescente interesse pela bola levava à forçosa aproximação de camadas sociais historicamente separadas pelo profundo fosso da exclusão e da desigualdade” (Franzini, 2003, p.33).

Com relação às tensões sociais, relacionadas principalmente ao preconceito racial, mulatos com uma criação “socialmente” aceitável jogavam sem incidentes, apesar de a maioria dos jogadores, até o final dos anos 20, ser branca (Levine, 1982). Arthur Friedenreich – atleta responsável pela vitória brasileira sobre os argentinos na Copa América do Sul de 1919 – foi um grande exemplo disso. Seu pai era imigrante alemão e sua mãe era negra. Foi apelidado de “o pé-de-ouro” pela imprensa da época e era o único mulato visto sem restrições pela Confederação Brasileira de Desportos (CBD), não somente por ser um grande jogador, mas principalmente pelo fato de sua aparência não ser “tão negra”. Nos jogadores negros era passado pó-de-arroz, já que, para a época, a equipe que representava a nação em chuteiras deveria corresponder a um país ideal, predominantemente branco (Santos Neto, 2002).

No aspecto de diferença de classes, dirigentes paulistas e cariocas tomaram atitudes com vistas a controlar a entrada de jogadores de origem pobre no futebol oficial. Podemos citar a súmula, documento que foi “inventado” para que os jogadores analfabetos não pudessem jogar, na medida em que era necessário assinar o nome neste papel. Como os jogadores populares não tinham acesso aos colégios – predominantemente de elite – eles não seriam capazes de assinar. Para driblar essa imposição, os dirigentes dos times usavam de artimanhas para que seus melhores



jogadores – em sua maioria os “populares” – pudessem jogar: ensinavam esses atletas a assinar apenas o nome.

No tocante à apropriação política, a popularização do futebol teria sido o resultado direto da intervenção dos patrões, das autoridades e do poder público: em São Paulo, as greves operárias de 1917 teriam feito as autoridades e os industriais perceberem a necessidade de um “esporte de massas”. Os operários teriam sido, então, “mandados a jogar futebol”. O futebol teria sido usado como um elemento disciplinador. No Rio de Janeiro, como vimos, o futebol teria sido usado para “distrair” a população carioca e para afastá-la de suas tradições, substituindo a capoeira (Pereira, 2000).

Nessas duas cidades, o futebol apareceria como um elemento externo, algo praticamente imposto, sem que aqueles que o praticavam tivessem consciência do que estaria sendo feito.

Também devemos apontar a questão envolvendo a defesa do amadorismo *versus* profissionalismo. A expansão do futebol na Inglaterra pela *Football Association* se deu, coincidentemente, ao mesmo tempo em que os trabalhadores começavam a ter direito a descansar do trabalho semanal nas tardes de sábado (seria uma forma de recuperar o empregado para que ele pudesse, depois, render mais). O futebol, então, apareceria como “*uma forma lúdica, uma atividade recreativa para a população urbana*” (Helal, 1997, p.43).

No Brasil, oficialmente, de 1895 até 1932, o futebol era um esporte amador. No entanto, desde 1915 alguns jogadores já recebiam dinheiro de alguns sócios ricos dos clubes do Rio de Janeiro e de São Paulo (Helal, 1997).

Esses mesmos clubes começaram a cobrar ingressos para as partidas a partir de 1917. O dinheiro era usado para cobrir despesas com bolas, uniformes, chuteiras etc.



Os estádios também começavam a ganhar melhorias, aumentando a capacidade de público. A quebra da tradição (de antes os sócios mais ricos arcarem com os custos do futebol nos clubes para, em um segundo momento, esses custos serem cobertos pelo dinheiro dos ingressos) foi o primeiro passo para que o futebol começasse a caminhar em direção ao profissionalismo (Franzini, 2003).

Outro ponto importante que devemos destacar é que, como Levine aponta, no fim dos anos 20, clubes e seleções da Europa vinham buscar talentos em clubes latino-americanos. Como a Itália de Mussolini só aceitava imigrantes de origem italiana, os primeiros jogadores sul-americanos a irem jogar naquele continente foram os argentinos e uruguaios, já que nesses países havia uma “fonte” maior desses jogadores. Mas os italianos também levariam jogadores brasileiros. Os primeiros jogadores a deixar o Brasil para se profissionalizar no exterior foram os irmãos Fantoni, Del Debbio, Rato, Filó, Pepe, Amílcar, De Maria, Serafim, Fausto e Jaguaré (Franzini, 2003). Filó, que na Itália era conhecido por seu sobrenome “*Guarisi*”, acabou sendo o primeiro brasileiro campeão mundial, mas pela Itália, em 1934 (Brunoro & Afif, 1997).

Também devemos apontar que o crescimento na divulgação do rádio na década de 30 ajudou nessa transição do amadorismo para o profissionalismo, na medida em que, pelo rádio, o futebol começava a transcender sua dimensão esportiva e “*converter-se em um espetáculo de massa, valorizando os personagens principais do esporte: os jogadores e os torcedores*” (Franzini, 2003, p.54).

Essas razões anteriores (cobrança de ingressos, êxodo de jogadores e aumento da cobertura da imprensa) podem ser apontadas como incentivadoras para que a CBD adotasse, no governo de Getúlio Vargas, em 1933, o profissionalismo, dando formalmente a posição de empregado aos atletas (Franzini, 2003).



“A mudança forçou a maioria dos ainda amadores a sair dos clubes, pois eles não podiam ou não queriam competir com assalariados, três quartos dos quais vinham da classe baixa, já em 1940” (Levine, 1992, p.29).

Para os jogadores, buscar a profissionalização não era questão apenas de preferência. Os atletas já percebiam muito bem que não dispunham de qualquer garantia formal que permitisse exercer seu trabalho com segurança e viam na profissionalização do esporte a oportunidade para a sobrevivência imediata e, quem sabe, a realização do sonho da ascensão econômica e social (Franzini, 2003).

O fato de maior importância e repercussão quanto à discussão acerca do profissionalismo aconteceu com o Clube de Regatas Vasco da Gama. Para explicar o proposto fato, remetemo-nos a um breve relato de sua história.

As comemorações do quarto centenário do descobrimento do “caminho das Índias”, realizado por Vasco da Gama, foram o incentivo para que um grupo de portugueses e seus descendentes fundassem um clube de remo em 1898. No entanto, o futebol só faria parte do Vasco em 1916. Para montar uma equipe de qualidade, capaz de vencer campeonatos, o Vasco foi até a população de “desocupados” e trabalhadores de baixa renda (havia muitos naquela época no Rio). Ainda não havia o profissionalismo, e seus sócios empregavam os jogadores em seus estabelecimentos comerciais portugueses apenas para constar que os jogadores não faziam do futebol sua profissão. Além de emprego, o Vasco dava a seus jogadores moradia, comida e bicho (espécie de gratificação). Cabe lembrar que os desocupados ou subempregados eram, em sua maioria, negros, mulatos ou mestiços.

Em 1923, o Vasco ascendia à primeira divisão da Liga Metropolitana de Esportes Terrestres. Esse mesmo clube, com um time formado por três negros, um



mulato e sete brancos, tornou-se campeão logo em sua estréia na elite carioca (Mattos, 1997).

Para os clubes da elite carioca (Flamengo, Fluminense, Botafogo e América), aquilo havia sido uma afronta. Esses mesmos clubes deixaram a Liga e fundaram a Associação Metropolitana de Esportes Atlético (AMEA), barrando a filiação do Vasco da Gama, sob a alegação de que ele não possuía estádio próprio. No entanto, o motivo principal era outro: o Vasco da Gama era visto com restrição na medida em que, além de unir grupos que naquela cidade sofriam preconceito e discriminação (como era o caso dos portugueses e dos “populares”), já fazia do futebol uma profissão e que, segundo a elite da época, a profissionalização do jogador de futebol poderia fazer com que se acabasse o amor pelo clube e o espírito de companheirismo (Agostino, 2002).

O que os dirigentes das equipes de elite não contavam é que o campeonato da Liga na qual o Vasco permaneceu em 1924 fosse superar o da AMEA em público pagante e empolgação, devido à grande torcida que o Vasco tinha conquistado. Diante desse fato, dirigentes da AMEA tiveram de aceitar, ainda que por conveniência, a filiação do Vasco em 1925 (Franzini, 2003).

Em se tratando da imprensa da época, vale lembrar que a propaganda nas rádios – regulamentada em 1932 – passaria a definir o propósito das mesmas, que era alcançar audiências com o objetivo de atrair consumidores para os produtos anunciados. Os programas tornar-se-iam voltados ao gosto popular, e seus locutores utilizar-se-iam de uma linguagem coloquial. Os jornais também veriam a crescente popularização do futebol e começariam a veicular cada vez mais notícias sobre o esporte, no intuito de atrair maior número de leitores e poder aumentar suas vendas. É por isso que podemos dizer que houve reciprocidade entre o jornalismo e o futebol, na



medida em que a produção e circulação maior desse noticiário contribuía para desenvolver mais o esporte, enquanto o esporte responderia com mais e mais adeptos, fiéis consumidores dos jornais, querendo saber do noticiário de seus clubes de coração (Franzini, 2003).

Os ícones do jornalismo naquela época eram Thomaz Mazzoni, chefe da seção de esportes do jornal *A Gazeta Esportiva*, em São Paulo, e pelo Rio de Janeiro, Mario Filho, dirigindo a página de esportes do jornal *O Globo*. Mario Filho, jornalista de grande respeito no meio esportivo, sempre foi empenhado na campanha pelo profissionalismo. O jogador Russinho, do Vasco da Gama, em uma entrevista dada à Mário Filho afirmava que seu time dava a seus jogadores 100 ou 200 mil-réis depois de cada jogo, para “condução e jantar”. Mas ele assumiu ter recebido um automóvel de presente do Vasco e ficou intrigado: “*Se for para condução, é muito. Se é para gratificação ou salário, é pouco. Afinal, somos profissionais ou amadores?*” (Brunoro & Afif, 1997, p.16).

“Os campos estavam cheios de jogadores de todos os segmentos sociais e econômicos da sociedade brasileira e apesar de serem, em sua maioria, brancos e oficialmente amadores, a característica elitista do futebol começou gradualmente a desaparecer [...] Quanto maiores eram as multidões que aderiam ao futebol, tanto mais a popularidade e a importância de um clube dependiam do desempenho de suas equipes de futebol” (Helal, 1997, p.47).

Os clubes, vendo a crescente competitividade e popularidade do futebol, e preocupados com seu prestígio, passariam a contar com bons jogadores, deixando em segundo plano o preconceito em relação à raça e à classe social de seus jogadores.



Intervalo

Analisamos como o futebol moderno surgiu na Inglaterra e posteriormente veio aportar e se popularizar no Brasil. Mas isso em si não explica o que o faz um fenômeno no mundo e, muito particularmente, na sociedade brasileira.

Desde a Copa do Mundo de 1990, na Itália, o futebol mundial passou por um crescimento financeiro inédito. No final de 1994, o futebol gerava (entre contratações, patrocínio, vendas de objetos relacionado ao esporte, bilheteria, direitos de transmissão, etc.) 225 bilhões de dólares por ano. Em 1997, a indústria do futebol europeu foi estimada em 10 bilhões de dólares. Grandes equipes, como o *Manchester United*, entraram na bolsa de valores (Giulianotti, 2002).

A Copa do Mundo de Futebol de 1998, disputada na França, foi assistida por 4,1 bilhões de pessoas, enquanto as Olimpíadas de Atlanta, em 1996, teve uma audiência de 2,1 bilhões de telespectadores (Aidar & Leoncini, 2002). Isso mostra a importância do futebol, na medida em que uma única modalidade esportiva como o futebol obteve mais audiência do que várias modalidades juntas nas Olimpíadas. O número de países filiados à FIFA⁴ (entidade que regulamenta o futebol mundial) é maior que o número de filiados à ONU (Organização das Nações Unidas).

Um fenômeno interessante está ocorrendo no Brasil. Segundo o jornal esportivo *Lance*⁵, o futebol está ficando ainda mais popular no Brasil. O resultado de uma pesquisa encomendada ao IBOPE (Instituto Brasileiro de Opiniões, Pesquisa e Estatística) aponta que a porcentagem dos brasileiros que não gostam de futebol caiu de 28% em 2000 para 22% em 2004. Esse dado, combinado com o crescimento populacional, significa aumento de milhões de torcedores em apenas quatro anos.

⁴ Fédération Internationale de Football Association.

⁵ Jornal esportivo diário que concentra grande parte de suas reportagens no futebol.



O fato de o futebol ser o esporte mais popular do Brasil faz com que ele atraia muito investimento, tenha a maior cobertura da mídia esportiva, e possibilite a um membro da classe anônima fazer-se conhecido nacionalmente ou que até mesmo vire uma “estrela”.

A cada ano que passa, há maior concentração de riquezas nas mãos de um grupo cada vez mais reduzido. Segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a soma das rendas do 1% mais endinheirado é equivalente à dos 50% mais pobres. Isso mostra quanto é cada vez mais difícil a ascensão social do indivíduo brasileiro.

Os jogadores de futebol geralmente são oriundos de grupos sociais menos privilegiados, muito distantes do poder e do dinheiro, mas que nutrem o sonho de ajudar a família, através de uma boa renda obtida jogando futebol. Um dos aspectos de que trataremos no *Segundo Tempo* é o que o futebol representa para a sociedade brasileira e como o mito da ascensão social através do futebol é muito forte para os brasileiros.



II - SEGUNDO TEMPO

Futebol brasileiro: uma visão sociológica

O presente estudo parte de uma visão socio-antropológica a respeito do futebol, no intuito de melhor compreender esse fenômeno social. Para isso, utilizamos trabalhos de vários autores que trataram o futebol a partir dessa perspectiva.

Roberto DaMatta foi um antropólogo que teceu estudos sobre o reconhecimento do futebol como objeto de estudo das ciências sociais. Seus estudos, a partir da década de 70, começam a ter grande importância na medida em que argumentam contra a leitura do esporte apenas como ópio ou alienação do povo. Ópio seria algo que estaria em oposição à sociedade, sendo prejudicial à ela.

No livro "*O Universo do Futebol*", DaMatta tenta mostrar a lógica que regula a vida cotidiana brasileira, no intuito de compreender melhor a nossa cultura e sociedade. Segundo ele, o futebol deve ser estudado *junto* com a sociedade e não em *contraste* com ela, na medida em que é "um veículo para uma série de dramatizações da sociedade brasileira" (DaMatta, 1982). Para o autor, estudando o futebol, pode-se interpretar melhor a sociedade brasileira. Opinião semelhante expressa Giulianotti (2002, p.11), quando afirma que "*o futebol não é dependente da sociedade mais ampla; é influenciado pelo contexto social mais amplo e ao mesmo tempo o influencia*".

Segundo DaMatta, o esporte é parte da sociedade, tanto quanto a sociedade é parte dele, na medida em que o esporte (no Brasil representado pelo futebol) é uma forma de a sociedade se revelar, se expressar. Por isso, o futebol *do e no* Brasil deve ser pensado como uma atividade da sociedade, e não como seu ópio - algo que serviria para desviar as atenções da realidade. Como uma atividade da sociedade, ele seria o espelho da população e a sociedade brasileira teria encontrado no futebol uma



forma possível para se expressar. A vida do brasileiro seria regida por valores similares ao que encontramos em um jogo de futebol: o homem, tanto na vida quanto no jogo, poderia ganhar ou perder, mas teria uma nova chance no próximo jogo. Haveria o respeito por uma autoridade (no caso da sociedade, os governantes, e no futebol, o árbitro), e o cidadão, assim como o jogador, teria de seguir certas regras comuns, e também contar com a sorte. Por isso, a esfera do futebol seria semelhante ao plano da vida: o “jogo da vida” seria praticado em situações que encontramos em uma partida de futebol – o respeito por uma autoridade, os fatores sorte e azar, a possibilidade de, mesmo perdendo num dia, vencer no outro. É nesse ponto que DaMatta apresenta o futebol não apenas como uma modalidade esportiva que estaria à mercê da sociedade, mas a forma que o brasileiro, constituindo uma nação, teria encontrado para se expressar.

A apropriação do futebol dá-se de formas distintas em diferentes sociedades. No caso dos Estados Unidos e da Inglaterra, como aponta DaMatta, o futebol é tratado como *sport*, assim como o tênis, o beisebol. A conceituação de “esportivo” nesses países é feita na esfera da competição, do físico, da técnica, da força, e também da coletivização, apesar de serem sociedades extremamente individualistas.

Parece ser por isso que o futebol brasileiro se distingue, por exemplo, do europeu. O futebol brasileiro, mundialmente conhecido como “futebol-arte”, permite e incentiva a improvisação, a individualidade. As imagens vinculadas ao que chamamos de futebol-arte, o estilo brasileiro de futebol, são as da alegria, do improvisado, da ginga, dos dribles, dos toques de calcanhar, das firulas, da malandragem, enquanto o futebol europeu é visto como um futebol pragmático, de obediência tática. Deve ser por isso que muitos times europeus querem em seu elenco jogadores brasileiros, na medida em que conhecem sua capacidade de desequilibrar



uma partida, através de uma jogada encantadora, um gol bonito. Por isso, faz-se necessária a presença de jogadores que tenham habilidade, tenham capacidade de se desprenderem do esquema tático e fazer uma jogada que possa resultar em gol.

Há uma outra concepção da relação entre equipe e craque. O futebol é um jogo coletivo, com regras universais, no qual a coordenação tática da equipe deveria ser fundamental. No Brasil, em contrapartida, o sucesso da equipe é relativo em função do craque, por vezes escolhido por representar as características do estilo nacional. A idéia de ser o craque, aquele que salva e redime a equipe diante de situações de perigo, o torna herói. Apesar de o coletivo ser importante, a necessidade do craque também é constatada (Soares & Lovisolo, 2003). Talvez o destaque do futebol brasileiro se deva à feliz combinação entre o “eu” e o grupo. O jogador necessitaria do grupo, mas isso não anularia sua expressão individual perante o coletivo, já que além de uma tática coletiva, é necessário o individualismo dos jogadores para vencer a defesa adversária (Daolio, 2000).

Desta forma, o estilo de jogo do atleta brasileiro seria uma *“fonte de individualização e possibilidade de expressão individual, muito mais que um instrumento de coletivização ao nível pessoal ou das massas”* (DaMatta, 1982, p.27).

A sociedade brasileira seria marcada pela coexistência de códigos, em que teríamos como principais o “tradicional” e o “moderno”. No caso do código moderno, haveria o ideal de igualdade, individualismo e leis universais, enquanto no código tradicional haveria a ética da hierarquia, baseada nas relações pessoais, privilégios familiares e paternalismo. Por esses dois códigos coexistirem, teríamos um sistema que funcionaria por meios de compensação e reciprocidade. Assim, o dilema brasileiro poderia ser entendido como *“um mundo relacionado, em que há uma tensão entre as relações pessoais”* (DaMatta, 1982, p.30). Podemos apontar que o dilema



seria uma teia em que há uma igualdade teórica. Sendo assim, a relação entre o dilema brasileiro e o futebol no Brasil baseia-se no fato de que o domínio do último, enfatizando metaforicamente o ideal de igualdade, democracia e justiça social, inverteria muitos dos conflitos diários baseados no código tradicional das relações pessoais (Helal, 1997).

O mito da ascensão social

Pois bem, qual a relação entre o dilema brasileiro e o futebol, particularmente quanto ao mito da ascensão social, que se expressaria no sonho de quase todo brasileiro de se tornar jogador de futebol? Será que esta vontade está no “sangue”, como supõe o senso comum? Certamente não, pois *“o gosto ou paixão pelo futebol existe na coletividade em nosso meio social que nos transmite esse sentimento da mesma forma que nos ensina a ler e a escrever”* (Helal⁶, 1990 apud Cavalcanti, 1999, p.250). Com sua abrangência como manifestação cultural, o futebol possui o poder de transmitir, através dos veículos de comunicação em massa, valores morais, de conduta e de ética, os quais estariam implícitos e seriam “consumidos” pela sociedade como padrão de comportamento. Os consumidores não estariam, necessariamente, preparados para discernirem esses valores.

Uma das mensagens que o esporte apresenta nas sociedades modernas é tentar resolver simbolicamente as desigualdades econômicas e sociais do cotidiano. Se a competição da vida diária é considerada como um jogo de “cartas marcadas” (onde o importante é a raça, a classe social a qual o cidadão pertence), a competição esportiva tentaria “resolver” essa injustiça.

⁶ HELAL, R. **O que é sociologia do esporte**. São Paulo: Brasiliense, 1990.



“Diferentemente de outras áreas da nossa sociedade onde imperam normas e valores derivados da nossa longa tradição autoritária, baseados no paternalismo, na conciliação, nas relações pessoais, o futebol vai privilegiar idéias diferentes, liberais e democráticas, conseguindo, assim, inverter essa mesma tradição” (Helal, 1997, p.30).

Por isso, o futebol possuiria uma mensagem moderna, no sentido que valorizaria a ética da igualdade, do vencer por méritos próprios, pelo seu desempenho, em detrimento da idéia de sucesso atingido através de privilégios de família e apadrinhamento. Como o próprio DaMatta (1982, p.39) sinalizou, o futebol é *“uma forma de igualdade aberta e altamente democrática, pois que fundada no desempenho”*.

A mensagem democrática relacionada ao esporte parece adquirir um poder de, mesmo que simbolicamente, resolver os “conflitos” do cotidiano. O campeonato de futebol, por exemplo, pode ser encarado como um sistema de igualdades que, no final, transforma-se em um sistema de diferenças ou desigualdades através de méritos ou sorte dos competidores vencedores. Desta forma, o futebol pode ser visto como um instrumento que permite aos brasileiros de todas as classes sociais, raças e credos experimentar a ruptura da hierarquia tradicional e a igualdade social (Helal, 1997). Ainda a esse respeito, a equipe de futebol teria símbolos que apontariam para um nivelamento, um igualitarismo social e vitória do indivíduo e da liberdade neste sistema democrático. O principal símbolo deste nivelamento seria o uniforme, que é igual para todos os jogadores da equipe, com exceção do goleiro (Baêta Neves, 1982). Seria ao lado dessas representações de igualdade social que surgiria o mito do indivíduo e da ascensão social vitoriosa.

O futebol possibilita que um jogador oriundo de uma classe social baixa venha a romper as barreiras sociais e vença pelos seus próprios méritos, pelo seu



desempenho, na medida em que essa modalidade esportiva seria fundada em princípios de igualdade que já foram anteriormente citados (DaMatta, 1982).

O estilo de futebol brasileiro, individualizado, cheio de dribles e improvisação, seria ferramenta com a qual o indivíduo oriundo das massas poderia obter notoriedade e mobilidade social, isto é, poderia tornar-se estrela de um time e ser o centro das atenções (Soares & Lovisollo, 2003). É como se o atleta, antes oriundo de uma classe social baixa, e hoje valorizado, pudesse ser um modelo de que qualquer pessoa possa vencer por seus méritos. Para isso, bastaria obedecer à dura vida de atleta, passar pelas categorias de base (infantil, juvenil, juniores) até se profissionalizar, ser obediente aos seus superiores e respeitar as regras do clube.

“Quanto mais a mídia atribuir aos “nossos heróis” o poder de salvar o Brasil [...] mais se estará reforçando o mito. O mito do herói que redime, que projeta e representa o ideal de sucesso, de glória, enfim, de vitória. Ainda que se viva o caos social. O herói no futebol é o mito, na medida em que se constitui na própria representação da jornada do “humilde” que, contra e apesar de tudo, impõe seu talento ao mundo, vingando-se. Não estará o “herói” dentro de cada um de nós?” (Cavalcanti, 1999, p.258).

O futebol seria o meio mais significativo de apresentar mensagens para a população brasileira. A mídia, que veicula imagens e histórias de vida de atletas de origem pobre que chegaram ao estrelato, seria também responsável por fortalecer o mito de ascensão social através do futebol.

Acréscimos

Vimos as raízes do futebol. Vimos também como se deu a formação do futebol moderno na Inglaterra no século XIX e como ele chegou ao Brasil. Analisamos como o futebol se popularizou no Brasil e entendemos as dimensões sociais que ele desempenha na sociedade brasileira. Mas, para melhor compreensão do papel social



do futebol, fomos a campo entrevistar os protagonistas do esporte: os jogadores. Tentamos extrair deles como ascendeu o sonho de se tornar um jogador de futebol, como eles se sentem hoje nas suas respectivas carreiras e quais planos fazem para o futuro.



III - FICHA TÉCNICA DA PARTIDA

Local do jogo

Para a realização do presente trabalho, fui a campo colher informações com os atletas, em um clube que disputava a série A-3 (que corresponde à terceira divisão) do Campeonato Paulista de 2004, no primeiro semestre daquele ano. A cidade ficava a 200 km de São Paulo e possuía 200 mil habitantes. O presidente do clube era quem patrocinava o time, com parte do dinheiro de suas empresas.

O torneio contava com 16 times, divididos em dois grupos de oito equipes. Participaram times de tradição do interior do Estado de São Paulo tais como Noroeste de Bauru, XV de Piracicaba, XV de Jaú. As outras equipes que compuseram o campeonato foram: Barretos, Guaratinguetá, Independente de Limeira, Internacional de Bebedouro, Jaboticabal, Mauaense, Mirassol, Osasco, Palmeiras-B, Primavera de Indaiatuba, Rio Claro, São Carlense e Sertãozinho. Eu me incluía no elenco de profissionais, mas na hora de aplicar o formulário com as questões referentes a esse trabalho, e também na hora das entrevistas, procurei fazer-me visto e entendido como pesquisador, na medida em que DaMatta afirmou que é preciso aprender a transformar o exótico em familiar e o familiar em exótico. Ainda, quando a disciplina se volta para a nossa própria sociedade, deve-se tirar a capa de membro de uma classe e de um grupo social específico para poder “estranhar” alguma regra social familiar e, assim, descobrir o exótico (DaMatta, 1982). Em algumas partes das inferências, reportar-me-ei a observações pessoais, tentando ser sempre imparcial, mesmo sabendo da dificuldade em sê-lo.

A pesquisa foi constituída por duas partes: na primeira, apliquei um formulário com 15 perguntas para todos os 25 atletas. Essas eram de caráter econômico e sócio-cultural, que achamos importantes para saber sobre os atletas e também sobre suas

respectivas famílias (o formulário entregue e seus respectivos resultados encontram-se, respectivamente, nos anexos A e B). Na segunda parte, utilizei-me de um gravador e procurei coíher, com 18 atletas, ue onue ascendia o sonho de tornar-se jogador de futebol, como ele encarava sua carreira atualmente e quais seriam seus planos e sonhos futuros (todas as entrevistas estão no anexo C).

Escalção

O grupo pesquisado apresentou média de idade de 23 anos. O jogador mais novo tinha 17 anos e o mais velho, 31. Cada atleta já havia atuado por dois times antes de chegar a este.

Em se tratando do nível de escolaridade, constatamos que 52% dos jogadores concluíram o Ensino Médio. Em comparação com a população brasileira, sabe-se que 59,9% dos brasileiros com mais de 10 anos não completaram o Ensino Fundamental; 42% dos pais dos atletas também não o completaram. Entretanto, o percentual de pais que concluiu o Ensino Superior é de 14%, ante uma média de 4,1% da população brasileira (Folha de São Paulo, 09/05/2002).

Assim como a taxa de escolarização (pessoas que freqüentam a escola) da população brasileira aumentou em todas as idades - a taxa de matriculados no Ensino Médio, por exemplo, passou de 21% em 1940 para 86% em 1998 (Folha de São Paulo 30/09/2003), esse fenômeno também pôde ser visto nas famílias dos atletas entrevistados, comparando-se os filhos com os pais.

No tocante ao estado civil, 72% dos atletas são solteiros enquanto 28% são casados. Os mesmos percentuais são dos que não têm filhos (72%) e dos que têm (28%). Cada atleta tem em média três irmãos. Na população brasileira, em 1940, a



média de filhos por mulher era de 6,2, caindo para 2,3 no ano 2000 (Folha de São Paulo 30/09/2003).

Em se tratando da renda mensal total, 44% dos entrevistados disseram ganhar entre 500 e 1000 reais; 40% entre 1000 e 2000 reais. Segundo os dados dos atletas, 24% dos seus pais (rendimentos somados do pai e da mãe) recebem entre 500 e 1000 reais e 28% ganham entre 1000 e 2000 reais. O percentual dos que ganham até 500 reais é de 12% dos atletas e 16% dos pais. No censo de 2000, ficou constatado que metade dos brasileiros ganhava até dois salários mínimos. A renda média do responsável pelo domicílio em 2000 era de 769 reais. No entanto, metade dos responsáveis ganhava menos de 350 reais, mostrando a desigualdade social do Brasil, que é a sexta maior do mundo nesse quesito (Folha de São Paulo 20/12/2001).

No aspecto cultural, 72% dos atletas relataram ler revistas com certa frequência. As revistas mais citadas foram *Veja*, *Caras*, *Época* e *Lance A+*⁷. 88% dos atletas declararam ler jornais. O mais citado foi o jornal esportivo *Lance*, por 48% dos entrevistados. Com relação à leitura de livros, 32% declararam não ter lido nenhum livro no ano anterior ao da pesquisa e 20% disseram ter lido apenas um. Quando questionados sobre o tipo de programa de televisão preferido, o esportivo apresentou 44% da preferência e quase metade dos atletas (48%) disse acessar à internet.

Notas dos jogadores

O que podemos inferir através dos dados é que parece ter havido um maior interesse com a educação e estudos por parte dos atletas, quando comparados a seus pais. Essa análise também pode ser vista na população brasileira. Comparando os dados referentes ao grau de escolaridade de ambos, vemos que enquanto 52% dos

⁷ Revista esportiva semanal do diário esportivo *Lance*.



atletas concluíram o Ensino Médio (no mínimo 11 anos de estudo), o percentual dos pais é de apenas 16%. O percentual de atletas que não completou o Ensino Fundamental é de 16%, e o dos seus pais é de 42%.

No entanto, o percentual de pais que concluíram o ensino superior é maior. A análise razoável para tal situação é que a média de idade dos atletas é de 23 anos e a profissão de jogador de futebol dificultaria o início e a conclusão de uma faculdade, ou porque não se tem dinheiro para cursá-la, ou porque geralmente não se fica mais de um ano em um clube ou cidade, em virtude dos contratos curtos. Isso se basearia na média de dois clubes anteriores à este.

Com relação aos aspectos culturais, parece que a leitura de jornais e revistas seria voltada para os assuntos cotidianos da vida de atleta e relacionados, geralmente, ao esporte praticado, já que o jornal esportivo *Lance* foi o mais citado pelos atletas que declararam ler jornais e a revista esportiva semanal *Lance A+* foi a segunda mais citada no segmento de revistas.

Parece haver um desinteresse com relação à leitura de livros, pois 32% declararam que não leram nenhum livro no ano anterior à pesquisa, e 20% declararam ter lido apenas um. Como observador, pude constatar que o baixo índice de leitura de livros poderia ter relação com a concorrência da televisão, a qual ocuparia a maioria do tempo ocioso dos atletas. Também poderíamos apontar a falta de recursos para adquirir um livro.



IV - MESA REDONDA

Debate sobre a partida

Os jogadores de futebol entrevistados representam um grupo, uma certa sociedade. As suas entrevistas sugerem que estão implícitos valores sociais e não só individuais. Os jogadores seriam atores de uma peça que está sendo encenada ao longo desses mais de cem anos de futebol no Brasil. Se considerarmos a história de vida dos atletas entrevistados, observaremos que a sua relação com o futebol segue padrões estabelecidos e, embora com idades diferentes, não se verificaram diferenças significativas entre os indivíduos.

O futebol aparece geralmente, no início da carreira dos atletas entrevistados, como um divertimento. Nas brincadeiras infantis, nas “peladas”, na rua com o pessoal da vizinhança, e nas escolinhas de futebol. São nessas ocasiões que os meninos seriam socializados no futebol. Ser “socializado” com o futebol e ter habilidade para jogá-lo seria, segundo Mauss⁸ (1974 apud Daolio, 1997), característica de uma sociedade, passível de transmissão para os seus descendentes.

“Meu interesse em jogar futebol foi como o interesse de todo o brasileiro. O brasileiro, quando nasce, é com a bola dentro da barriga. E o meu caso não foi diferente. Desde criança, meu sonho foi em jogar futebol” (Entrevistado 13).

“Desde pequeno venho jogando em escolinhas” (Entrevistado 1).

“Eu só jogava por brincar [...] Era por lazer apenas (jogar futebol). Você tem aquele sonho de ser profissional, mas eu não corria atrás. Era só por brincadeira, por lazer. Só que aí foi ficando sério” (Entrevistado 4).

“Primeiro porque eu venho de uma família que é do meio esportivo. É uma carreira que eu me identifiquei bastante e busquei, desde os sete anos de idade, um objetivo na minha vida. Meu pai não chegou a ser profissional do futebol, mas sempre jogou. Meus irmãos, tenho quatro irmãos, dois foram

⁸ MAUSS, M. *Sociologia e antropologia*. v. 2 São Paulo, EPU/EDUSP, 1974.



profissionais. E primos, também, que foram jogadores profissionais. Tive todas essas influências. E também por interesse próprio. Desde criança, despertou em mim o interesse em ser jogador profissional e com o incentivo da família não foi difícil conseguir esse objetivo” (Entrevistado 10).

“Primeiro, eu venho de um lar em que meu pai e meu avô foram profissionais [...] Quando eu me vi, que estava entendendo alguma coisa da vida, sempre com bola na mão, presente, histórias, fotografias, acho que isso foi criando em mim motivação, desejo desse esporte, de ficar no meio do futebol. Conforme eu fui crescendo, eu entrei na escolinha e estou até hoje como jogador” (Entrevistado 14).

Os entrevistados relataram que aprenderam futebol jogando entre si, e também na observação dos mais velhos (como relataram, pais ou irmãos mais velhos já foram jogadores).

“Eu era pequeno, eu via meu irmão jogar futebol também. Meu irmão chegou a ser um jogador profissional, mas por causa de bebidas, essas coisas, não deu certo. Daí eu gostava de futebol, daí começou, desde pequeno, eu ia atrás dele, jogava bola nos campos, vivia mais no campo jogando bola do que em casa” (Entrevistado 5).

Na adolescência teria-se o primeiro momento da carreira propriamente dita. Por se destacar entre os vizinhos, o garoto apareceria como “bom de bola” e faria teste ou seria chamado por algum time.

“Eu tive o incentivo da família, mas quem me indicou nesse time foi um amigo meu, que me indicou porque achava que eu tinha condição de ser jogador. Eu tive a felicidade de sair de casa e conseguir” (Entrevistado 12).

“Eu tinha sete anos e iniciei numa escolinha de futebol na minha cidade e lá eu me destacava entre os garotos da minha idade, e com 15 anos eu tive a oportunidade de fazer meu primeiro teste num clube profissional e, graças a



Deus, fui feliz, passei nas peneiras e hoje eu estou no futebol” (Entrevistado 8).

A partir de então, o sonho de ascender socialmente tornando-se um jogador de futebol ficaria mais forte. Esse sonho seria compartilhado pela família, em especial, o pai. Em geral, os jogadores entrevistados começaram a carreira por “incentivo” dos pais. Mas poder-se-ia inferir que esses mesmos pais vêem e depositam nos seus filhos o sonho que eles mesmos tinham de se tornar jogadores.

“Meu pai foi um jogador de futebol frustrado que teve um acidente com o joelho dele, ele era o único filho homem e o mais velho e tinha responsabilidade de trabalhar, e não foi possível continuar jogando. Ai ele ficou meu frustrado, ficou um adulto frustrado, tanto é que eu e meu irmão jogamos futebol por um incentivo muito grande dele. É complicado, né? Mas eu gosto de estar satisfazendo o meu sonho e satisfazendo também o sonho dele” (Entrevistado 17).

“Veio do meu pai (sonho de se tornar jogador), que gosta muito de futebol, e eu comecei a vê-lo jogar de lateral-direito. E eu comecei a gostar por causa dele. Com cinco anos de idade eu estava no campo, vendo-o jogar, e aos poucos surgiu o interesse, por causa dele” (Entrevistado 6).

Assim como no estudo de Guedes⁹ (1982), os entrevistados sonhariam tornar-se jogador da primeira divisão, jogar em um “clube grande”, ter altos salários, fama, sucesso. A história de vida de muitos profissionais bem sucedidos, divulgada e difundida nos meios de comunicação, daria credibilidade ao sonho, na medida em que a origem dos jogadores seria geralmente a mesma: a periferia. Essa credibilidade seria reforçada nas reportagens de televisão e jornais acerca de seus ídolos esportivos.

⁹ Simoni Lahud Guedes pesquisou ex-jogadores e jogadores de futebol da segunda divisão do Rio de Janeiro, que trabalhavam em uma fábrica têxtil.



“Quero uma vida melhor para mim e para minha família, tudo de melhor que a gente procura para nossos familiares” (Entrevistado 12).

“Na verdade, também sonho em dar uma vida melhor pra minha família, pra minha família mesmo construir algo melhor e ser alguém futuramente” (Entrevistado 2).

Ainda sobre os meios de comunicação, os atletas procuram notícias e informações ligadas ao futebol, na medida em que, quando questionados sobre o jornal que liam, o mais citado foi o esportivo Lance; e na televisão, o programa do gênero esportivo foi o preferido entre a maioria. Isso mostra que os atletas concentram grande parte de seus interesses culturais apenas no futebol, parecendo pouco se preocupar com o que acontece “fora” do mundo futebolístico.

Os entrevistados também mostraram que o principal aspecto negativo da carreira de jogador de futebol, na opinião deles, é a ausência da família. Muitos relataram morar longe do pai, da mãe, irmãos, esposa, namorada.

“O problema do futebol é que você fica muito tempo longe da família, longe da esposa, da noiva, da namorada, mas é em prol de um futuro melhor” (Entrevistado 9).

“É a pior coisa que tem é a saudade. Pô, as vezes você pensa mesmo em parar, quem mora perto da família, vê sempre, tá sempre ali. Mas quem mora longe, é muito duro passar por isso, mas a gente leva no peito a vontade de vencer, o sonho de ser alguém na vida, leva a gente a passar por todas essas dificuldades e passar por cima desses obstáculos” (Entrevistado 2).

Com relação ao sentimento de saudade, esse seria *“fundamental na construção da identidade portuguesa, proveniente de um país de navegadores, que reflete afeição pelo lugar abandonado”* (Soares & Lovisoló, 2003). Da mesma forma que a profissão



de marinheiro implica ficar longe da família, o futebol também apresenta essa característica. No entanto, os jogadores parecem encontrar ajuda nos colegas de profissão e na crença em Deus. As dificuldades seriam responsáveis por gerarem solidariedade entre os atletas, na medida em que despertariam o sentimento de ajuda mútua, em que um atleta seria importante com o outro no aspecto de ajudá-lo a conseguir superar os obstáculos, já que viveriam situações parecidas: estariam morando longe de seus parentes, viriam de família pobre, compartilhariam o sonho de ser jogador de futebol. Quando questionados sobre as características positivas que o futebol apresenta, a palavra “amizade” apareceu várias vezes.

“A amizade, viver em grupo, de ver o problema do outro e poder ajudar, eu aprendi muito no meio do futebol” (Entrevistado 14).

“O mais importante que eu tenho até agora é a amizade” (Entrevistado 15).

A fé em Deus e a oportunidade de poder ajudar a família com a renda obtida no futebol também parecem ser fatores de auto-fortalecimento e amenizam a saudade dos familiares.

“No momento, estou trocando a ausência dos meus filhos e da minha esposa. Mas tudo é uma troca. Eu me sinto feliz nessa troca, por ter realizado meu objetivo, e não me arrependo de nada, pois busquei meus objetivos sem pisar em ninguém, com bastante luta, seriedade e, acima de tudo, fé em Deus” (Entrevistado 10).

O aspecto religioso não se limitaria apenas às orações antes dos jogos. O atleta depositaria em Deus a confiança de que um time grande o veja atuando e possa



contratá-lo. Também acreditaria que Deus poderia ajudá-lo a ganhar um jogo, a fazer um gol.

“Meus planos são continuar jogando até Deus me der saúde e força pra eu chegar em um clube de nome que possa disputar campeonatos à altura, e até um dia, se Deus me ajudar, chegar à seleção, que é um sonho de todos nós” (Entrevistado 15).

Nos vestiários, as imagens de santos, as velas, os quadros de orações são elementos que nos mostram a rica diversidade de crenças. O catolicismo e o protestantismo, como pude observar, são as religiões mais praticadas entre os atletas pesquisados.

Com relação aos Atletas de Cristo (movimento criado no Brasil, formado por atletas evangélicos de todas as modalidades esportivas), o objetivo principal é levar a mensagem cristã para milhões de brasileiros. Para isso, o movimento está organizado em “grupos locais”, onde se reúnem regularmente os jogadores nos clubes e igrejas para o culto, no qual se destaca a leitura da Bíblia e os cânticos. No grupo, o jogador, além de receber instruções religiosas, também encontraria apoio para suportar e superar as pressões e adversidades que o futebol profissional exerce (Nunes, 1999).

Parece haver uma linha de pensamento que, através do trabalho, dedicação, um pouco de sorte e a ajuda de Deus, poder-se-ia ascender a um clube grande e obter o reconhecimento profissional e financeiro sonhado, e realizar o sonho de chegar à seleção brasileira de futebol. A história de vida do “humilde”, que passou por dificuldades, que morou longe da família, mas que, por mérito e esforço próprios, e ajudado por Deus, conseguiu vencer seria a grande encenação sobre a qual o mito da ascensão por meio do futebol seria reforçado, assim como apontou DaMatta (1982).



V - AO APAGAR DAS LUZES E FECHAR DOS PORTÕES

Faz-se necessário agradecer aos jogadores entrevistados, que mostraram muita sinceridade, e me confienciaram coisas importantes. Essa confiança depositada em mim talvez se devesse ao fato que eu fosse integrante do grupo, não sendo um “estranho” no meio.

Após uma partida de futebol, os funcionários do estádio são os responsáveis por apagar as luzes e fechar os portões. O presente trabalho também encerra aqui suas discussões, mas, assim como num campeonato de futebol, haverá uma nova partida, com novos jogadores, novos torcedores, novos acontecimentos. Tanto no futebol quanto na vida em sociedade, acaba reluzindo a característica do próprio estilo de jogo brasileiro: ousado, individualista, pouco afeto às táticas coletivas, mas fascinante. O Brasil se revela num campo de futebol e, como vimos, não são só 22 jogadores que calçam as chuteiras e entram em campo, mas toda a nossa sociedade. Desta forma, o futebol jogado aqui no Brasil se difere do argentino, que se difere do italiano, que é diferente do inglês. Isso faz reforçar a colocação de DaMatta que “*cada sociedade tem o futebol que merece*” (DaMatta, 1982, p.40).

Aqui, não cabe apito final. A sociedade brasileira continua modelando seu próprio futebol.



VI - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AIDAR, Antonio Carlos Kfourir; LEONCINI, Marvio Pereira. Evolução do futebol e do futebol como negócio. In: AIDAR, Antônio Carlos Kfourir, LEONCINI, Marvio Pereira; OLIVEIRA, João José de (Orgs.). **A nova gestão do futebol**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

BAÊTA NEVES, Luiz Felipe. Sobre algumas mensagens ideológicas do futebol. In: DAMATTA, Roberto et al. **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

BERTOLLI FILHO, Cláudio. Monteiro Lobato e o futebol: um projeto para a elite urbana do começo do século. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom; WITTER, José Sebastião (Orgs.). **Futebol e cultura: coletânea de estudos**. São Paulo: Imprensa Oficial. Arquivo do Estado, 1982.

BRUNORO, José Carlos; AFIF, Antonio. **Futebol 100% profissional**. São Paulo: Editora Gente, 1997.

CAVALCANTI, Zartú Giglio. O mito do "herói" e o futebol. In: COSTA, Márcia Regina da et al. (Org.). **Futebol: espetáculo do século**. São Paulo: Musa Editora, 1999.

DAMATTA, Roberto. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: DAMATTA, Roberto et al. **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DAOLIO, Jocimar. **Cultura: educação física e futebol**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

DAOLIO, Jocimar. As contradições do futebol brasileiro. In: CARRANO, Paulo César Rodrigues (Org.). **Futebol: paixão e política**. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2000.

FRANZINI, Fábio. **Corações na ponta da chuteira: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919-1938)**. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2003.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GUEDES, Simoni Lahud. Subúrbio: celeiro de craques. In: DAMATTA, Roberto et al. **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

HELAL, Ronaldo. **Passes e impasses: futebol e cultura de massa no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1997.



Jornal Folha de São Paulo, 20 de dezembro de 2001, Caderno Especial

Jornal Folha de São Paulo, 9 de maio de 2002, p. A6

Jornal Folha de São Paulo, 30 de setembro de 2003, Caderno Especial

Jornal Lance, 5 de outubro de 2004.

LEVINE, R. M. Esporte e sociedade: o caso do futebol brasileiro. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom; WITTER, José Sebastião (Orgs.). **Futebol e cultura: coletânea de estudos**. São Paulo: Imprensa Oficial. Arquivo do Estado, 1982.

MATTOS, Cláudia. **Cem anos de paixão: uma mitologia carioca no futebol**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; WITTER, José Sebastião (Orgs.). **Futebol e cultura: coletânea de estudos**. São Paulo: Imprensa Oficial. Arquivo do Estado, 1982.

MORRIS, Desmond. **A tribo do futebol**. Portugal: Europam, 1981.

NAPOLEÃO, Antonio Carlos; ASSAF, Roberto. **Seleção Brasileira – 90 anos, 1914-2004**. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

NUNES, Francisco José. Os “atletas de Cristo” no país do futebol. In: COSTA, Márcia Regina da et al. **Futebol: espetáculo do século**. São Paulo: Musa Editora, 1999.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902 – 1938**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

SANTOS NETO, José Moraes dos. **Visão do jogo: primórdios do futebol no Brasil**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

SHIRTS, Matthew. Futebol no Brasil ou football in Brazil?. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom; WITTER, José Sebastião (Orgs.). **Futebol e cultura: coletânea de estudos**. São Paulo: Imprensa Oficial. Arquivo do Estado, 1982.

SOARES, Antonio Jorge; LOVISOLO, Hugo Rodolfo. Futebol: a construção histórica do estilo nacional. In: Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 25, n. 1, p. 7-210, setembro 2003.

STORTI, Valmir; FONTENELLE, André. **A história do campeonato paulista**. 2 ed. São Paulo: Publifolha, 2004.



VII - ANEXOS

ANEXO A. Formulário entregue aos atletas

1) Idade: _____

2) Em quantos clubes já atuou? _____

3) Nível de escolaridade:

- a) Ensino Fundamental incompleto
- b) Ensino Fundamental completo
- c) Ensino Médio incompleto
- d) Ensino Médio completo
- e) Ensino Superior incompleto
- f) Ensino Superior completo

4) Nível de escolaridade de seus pais:

- a) Ensino Fundamental incompleto
- b) Ensino Fundamental completo
- c) Ensino Médio incompleto
- d) Ensino Médio completo
- e) Ensino Superior incompleto
- f) Ensino Superior completo

5) Estado Civil

- a) solteiro
- b) casado
- c) outro: _____

6) Tem filhos? _____ Quantos? _____

7) Tem irmão(s)? _____ Quantos? _____

8) Renda mensal:

- a) até R\$ 500,00
- b) entre R\$ 500,00 e R\$ 1.000,00
- c) entre R\$ 1.000,00 e R\$ 2.000,00
- d) entre R\$ 2.000,00 e R\$ 3.000,00
- e) mais de R\$ 3.000,00

9) Renda mensal de seus pais:

- a) até R\$ 500,00
- b) entre R\$ 500,00 e R\$ 1.000,00
- c) entre R\$ 1.000,00 e R\$ 2.000,00
- d) entre R\$ 2.000,00 e R\$ 3.000,00
- e) mais de R\$ 3.000,00

10) Ajuda a sua família com parte de sua renda?

11) Lê revistas? _____ Quais? _____

12) Lê jornais? _____ Quais? _____

13) Quantos livros leu ano passado?

- a) nenhum
- b) 1
- c) 2
- d) 3
- e) 4
- f) 5 ou mais

14) Qual o tipo de programa de TV preferido?

- a) Esporte
- b) Humor
- c) Novela
- d) Jornal
- e) Outro: _____

15) Acessa a Internet? Sim __ Não __



ANEXO B. Caracterização completa do grupo

A idade média dos 25 atletas entrevistados foi de 23 anos, tendo o atleta mais novo 17, e o mais velho, 31 anos.

Em média, cada atleta já havia atuado por 2 equipes antes de ingressar à esta.

Com relação ao nível de escolaridade dos atletas pesquisados, os resultados obtidos foram os seguintes:

52 % concluíram o ensino médio.

12 % ainda não o completaram.

4 % têm apenas o ensino fundamental completo.

16 % não completaram o ensino fundamental.

16 % iniciaram o ensino superior, mas não terminaram.

Quanto ao nível de escolaridade dos pais dos entrevistados (foram perguntados sobre pai e mãe), temos os seguintes resultados:

42 % não completaram o ensino fundamental.

22 % têm o ensino fundamental completo.

2 % não completaram o ensino médio.

16 % completaram o ensino médio.

4 % iniciaram o ensino superior, mas não concluíram.

14 % concluíram o ensino superior.

No que diz respeito ao estado civil, 72 % dos atletas são solteiros e os outros 28 % são casados.

O mesmo percentual é o dos que não têm filhos (72%), e os que têm (28%).



Dos que têm filhos, 85 % possuem apenas 1, e 15% possuem 2 filhos.

Dos 25 atletas, 92 % têm irmãos. A média é de 3 irmãos por atleta.

A renda mensal total dos atletas (salário mais alguma outra remuneração) encontrada foi a seguinte:

12 % ganham até 500 reais

44 % ganham entre 500 e 1000 reais.

40 % ganham entre 1000 e 2000 reais.

Apenas 4 % ganham mais de 3000 reais.

64 % dos atletas declararam ajudar a sua família com parte de sua renda.

A renda mensal dos pais (soma dos rendimentos do pai e da mãe) desses atletas foi:

16 % ganham até 500 reais.

24 % recebem entre 500 e 1000 reais.

28 % recebem entre 1000 e 2000 reais.

8 % ganham entre 2000 e 3000 reais.

16 % obtêm uma renda superior a 3000 reais.

72 % dos atletas relataram ler revistas com certa frequência. As mais citadas foram (podiam citar quantas e quais revistas quisessem):

Revista Veja (6 citações), Caras, Época e Lance A+ (4 citações), Seleções, Placar, Playboy (3 citações), 4 Rodas (2 citações), Brazil, Enfoque, Fluir (1 citação).



88 % dos atletas declararam ler jornais. O mais citado foi o Lance, por 12 atletas. Em seguida veio o jornal Folha de São Paulo (citado por 5 atletas) e o jornal O Estado de São Paulo, citado por 1 atleta.

Já com relação à leitura de livros (foram questionados quantos livros haviam lido no ano anterior), obtivemos as seguintes respostas:

32 % declararam não ter lido nenhum.

20 % disseram ter lido apenas 1 livro.

12 % leram 2 livros.

16 % responderam que leram 3.

4 % responderam que leram 4 livros.

16 % atletas responderam que leram mais de 4 livros.

Quando questionados sobre o tipo de programa de televisão preferido, a partir de 5 opções (esportivo, humorístico, novela, jornalístico ou outro), eles responderam o seguinte:

44 % declararam preferir programas esportivos.

4 % relataram sua preferência por programas humorísticos.

16 % disseram preferir novela

20 % preferiram jornal.

16 % escolheram “outro” tipo de programa. “Filme” foi citado por 50 %.

Com relação ao acesso à internet, 48 % declararam ter, enquanto 52 % declararam não acessá-la.



ANEXO C. Íntegra das entrevistas

Entrevista 1

Por que você resolveu ser jogador de futebol?

Era um sonho, já desde criança, né? Veio do meu pai, ele jogou também e deu força pra todos os filhos. E graças a Deus, eu, com muito esforço, agora estou aí nessa vida.

Você gosta do que você faz? Você é feliz na sua profissão?

Gosto, gosto de jogar e desde pequeno venho jogando em escolinhas e gosto de atuar como jogador profissional. A gente aprende muito no futebol.

Como que se dá a relação de você estar jogando e saber que seu pai está torcendo por você? Ele acompanha bastante sua carreira?

Acompanha, meu pai tem me acompanhado e participado muito comigo. Tem me ajudado bastante. Tem me ajudado nos momentos difíceis também e é gostoso a gente entrar em campo, a gente pensa na família, e eles assistindo é melhor ainda, né? É muito bom isso.

Dentro do futebol, quais são seus planos? O que você pretende fazer no futuro?

Meu sonho não é diferente, é quase igual de todo jogador. A gente tá num time de status baixo, então a gente almeja um time grande primeiramente, e depois a gente quer conseguir chegar à seleção brasileira. Então, a gente está trabalhando primeiramente pra chegar num time da primeira divisão, pra um dia chegar na seleção.

Entrevista 2

De onde surgiu o sonho de ser jogador de futebol?

Na verdade surgiu desde criança, né? Eu cresci, meu pai gosta muito de futebol e eu vendo aquilo desde pequeno, comecei a jogar em campos. Meu pai sempre mexia com futebol, não é aquele homem bem de vida, mas sempre pro lado do futebol e isso fez com que eu me incentivasse porque eu sempre gostei, né? Eu vinha jogando desde pequeno com os amigos, na escola, entendeu? E nunca me interessei por outra profissão. Sempre foi muito forte o lado do futebol na minha vida e isso me levou a me arriscar, a deixar a minha família. Hoje estou há dois mil quilômetros longe de minha família, deixei amigos, tudo, e resolvi. Foi isso. Também o objetivo de chegar a ser um jogador de seleção brasileira, por isso que eu pensei em ser jogador de futebol.

Quais você cita como prós e contra na carreira de jogador?

Ah, cara, eu acho que na verdade, o muito forte que eu acho é... (pausa) a saudade. É a pior coisa que tem é a saudade. Pô, as vezes você pensa mesmo em parar, quem mora perto da família, vê sempre, tá sempre ali. Mas quem mora longe, é muito duro passar por isso, mas a gente leva no peito a vontade de vencer, o sonho de ser alguém na vida, leva a gente a passar por todas essas dificuldades e passar por cima desses obstáculos.

Quais são essas “coisas boas” que você fala que “leva no peito” para deixar a família longe?

Na verdade, também sonho em dar uma vida melhor pra minha família, pra minha família mesmo construir algo melhor e ser alguém futuramente. Mas eu não quero pensar só em mim, quero pensar também nos outros. Conseguir coisas boas pra compartilhar com os outros. Lá onde eu moro mesmo, poder construir coisas melhores lá, pro povo humilde, muita gente humilde lá. E além disso, cada vez mais estar conseguindo reconhecimento de pessoas importantes que ajudaram a gente. Tem



sempre gente que confia na gente, deposita confiança, investe muitas vezes até na gente, e a gente tem que retribuir isso. E isso me dá cada vez mais força para conseguir essas coisas boas que eu estou tentando conseguir através do futebol.

Além do seu pai, que você citou que dá força, tem algum parente ou amigo que o apoia?

Tem, muitos, muitos mesmo. Lá onde eu moro, tem muitos amigos e muita gente que me ajudou. Eu fui pro Rio (de Janeiro) e encontrei mais gente que me ajudou, pessoas mesmo de bom caráter. Mas eu acho que isso também vai pela pessoa. Se você trata bem as pessoas, respeita, sempre vai ter alguém do seu lado, dando força e ajudando você a chegar onde você quer.

E onde você quer chegar?

Num curto prazo eu quero primeiro chegar, conseguir ser um jogador mesmo. Chegar logo lá em cima profissionalmente, ser reconhecido. E, depois, eu quero montar um projeto, alguma coisa na minha cidade, algum projeto pra ajudar pessoas carentes, pra ajudar a comunidade. É isso o que eu quero.

Entrevista 3

Como que se deu o começo de sua carreira como jogador de futebol?

Eu comecei no Juventude, no infantil. Daí, eu fui crescendo lá dentro e até que deu a vontade de ser jogador e procurar um time maior.

Mas como surgiu essa vontade?

Meu pai era atleta profissional. E baseado nele, no que eu vi dele na tevê, eu resolvi ficar nesse meio também.

A vontade maior veio por parte do seu pai ou veio por iniciativa própria mesmo?

Partiu de mim.

E como atleta, o que você vê como prós e contra na carreira?

A favor, tem o lado que depois (pausa) você pode chegar lá em cima. Agora, contra tem muito.

O que, por exemplo?

Família, os atrasos que acontecem, diretoria (pausa). Tem muita coisa, cara.

Você se considera feliz jogando futebol?

Ah, em certos momentos.

Em poucos momentos ou na maioria deles?

São poucos momentos, são só os dias de jogos, que dá pra você fazer alguma coisa a mais nos jogos. Porque de resto.

E você tem algum objetivo no futebol?

Só jogar num time maior de primeira divisão.

Entrevista 4

Por que você resolveu iniciar e seguir a carreira de atleta de futebol?

Foi muito por acaso. Eu só jogava por brincar em São Paulo, e acabei conhecendo um empresário que queria me levar pra fora, na Colômbia. E eu não queria, porque eu era novo, estava com 17 anos. Então foi quando ele me arrumou em um time no Brasil. E eu fui, deu certo, com um mês eu já era profissional e comecei a seguir. Foi indo, e eu estou satisfeito.

Mas antes desse empresário ver você jogando, você jogava futebol pensando em ser jogador ou por lazer apenas?



Não, era por lazer apenas. Você tem aquele sonho, de ser profissional, mas eu não corria atrás. Era só por brincadeira, por lazer. Só que aí foi ficando sério e agora estou nessa vida.

E o que você analisa de bom que tem a carreira de atleta? O que você vivencia de bom e de ruim na sua opinião?

A coisa boa é que de uma hora pra outra a gente pode mudar a nossa vida, entendeu? Eu venho de uma classe média-baixa e através do futebol, de repente, eu posso mudar isso, ter uma posição de vida melhor, ajudar os meus pais. Agora é complicado, você trabalha a semana inteira, ninguém sabe o que você passa pra daí em 90 minutos, se você erra um passe, o torcedor acaba xingando. Então é complicado, não é fácil não.

Na balança, você pesa mais alegrias ou tristezas no futebol?

Mais alegrias, com certeza. Graças a Deus, até hoje, são cinco anos que vai fazer agora que eu sou atleta profissional e eu só tenho a agradecer. Tive algumas conquistas e alguns objetivos que eu alcancei. Espero alcançar e conseguir muito mais.

O que mais você pretende conseguir?

Pretendo jogar num clube grande, num clube com uma estrutura boa e em relação a objetos pessoais, quero ter uma casa, que eu não tenho, ter uma vida melhor, ter uma vida mais estável.

Entrevista 5

Como surgiu o interesse em jogar futebol?

Eu era pequeno, eu via meu irmão jogar futebol também. Meu irmão chegou a ser um jogador profissional, mas por causa de bebidas, essas coisas, não deu certo. Daí eu gostava de futebol, daí começou, desde pequeno, eu ia atrás dele, jogava bola nos campos, vivia mais no campo jogando bola do que em casa.

E já faz quanto tempo que você tem essa carreira?

No futebol, eu comecei a jogar futebol aos sete, então já faz 13 anos.

Que experiências você pode acumular com o futebol?

Experiência que todo mundo fala que jogador de futebol é burro, mas eu não penso assim não. O futebol me deu a experiência que pra quem quer ser atleta não dá pra sair, não dá pra beber, não dá pra usar droga, fumar cigarro. Essa é uma grande experiência.

Você quer dizer que o futebol pode ser um meio educador?

Sim, muitas vezes sim. Pode ser um meio educador, porque pra jogar futebol não basta saber jogar, tem que ter habilidade e seguir regras.

O que você vê como vantagens e desvantagens na sua carreira?

De vantagens, é que hoje em dia eu saí do mundo que eu não queria que ninguém tivesse, que é o mundo das drogas, e lá tem muito disso. E eu me afastei e não desejo isso pra ninguém.

Quais são seus objetivos dentro do futebol?

Objetivo que todo mundo tem é jogar num time grande, ter um bom salário, ajudar a família.

E você pretende ajudar essas pessoas que você citou que moram onde você morava e também sua família?

Ajudar a minha família e em consequência formar uma família, ter filhos, poder cuidar da minha família.

Pra você, o futebol é uma realização? Você se sente feliz jogando futebol?

Eu gosto, porque tudo o que eu consegui até hoje foi através da bola.



Entrevista 6

Como surgiu a sua paixão por jogar futebol?

Veio do meu pai, que gosta muito de futebol, e eu comecei a vê-lo jogar de lateral-direito. E eu comecei a gostar por causa dele. Com cinco anos de idade eu estava no campo, vendo-o jogar, e aos poucos surgiu o interesse, por causa dele.

Mas a partir de que idade você teve certeza de que queria seguir carreira?

Com 8 anos de idade, eu já estava numa escolinha de futebol jogando, com interesse de chegar num patamar legal.

E você acha que sua carreira deu início mais por amor do seu pai ou por interesse seu mesmo?

Foram ambos, porque eu também gosto muito de jogar bola.

E que experiências você pode relatar? Você gosta da sua carreira? É aquilo que você pensava? É melhor? É pior?

Não é aquilo que eu pensava, que eu via pela televisão. Você vivendo agora no futebol é diferente. Salários atrasados, essas coisas. Pela televisão não passa isso, passa o outro lado. Mas isso é pra aprender, se fortalecer no mundo.

Você acha que o futebol propicia mais coisas positivas ou negativas na sua carreira?

Mais positivas.

Cite um exemplo.(Pausa) (não respondeu)

O que faz você feliz dentro do futebol?

A amizade, o companheirismo dos atletas, isso me faz ser feliz dentro do futebol.

E o seu pai tem acompanhado sua carreira?

Tem acompanhado não assim de perto, porque ele mora longe, mas ele sempre liga, pergunta como eu estou.

E dentro do futebol, quais são seus objetivos?

Meu objetivo é chegar num clube maior e ajudar minha família, meu pai, minha mãe. E ajudar bastante. Esse é meu maior objetivo.

Entrevista 7

Como surgiu o interesse pelo futebol?

Desde pequeno eu sempre gostei de jogar futebol. Jogava em escolinhas da prefeitura e acabou dando certo. Fui subindo de categoria, até chegar ao juniores. Acabei me profissionalizando e continuei na profissão porque é gostoso, eu sempre gostei de jogar futebol e por causa disso foi prazeroso. É um trabalho que vale a pena e acabou dando certo. Estou profissionalizado e jogando em equipes profissionais.

Apesar de gostar de futebol, você, quando pequeno, já pensava em ser jogador?

Sim, sempre pensei em ser jogador. Sempre tentei ser jogador porque eu não me imaginava fazendo outra coisa além do futebol.

E houve incentivo ou restrição por parte de seus familiares?

Eu tive uma vantagem porque meus pais sempre me deram apoio, enquanto muitos dos meus colegas que tinham condição de continuar jogando tiveram que trabalhar para ajudar a família. Mas meu pai sempre me incentivou a fazer o que eu gostava, continuar jogando futebol. Foi um incentivo, que ele me dá até hoje. Ele sempre me apoia nos momentos difíceis e sempre conversam comigo. Eles sempre incentivaram minha carreira e vão incentivar enquanto eu permanecer jogando.

Relate sobre as experiências que você tem vivenciado no futebol.



Eu não passei por muitas equipes ainda, mas as equipes pelas quais eu passei eu tive muitos aprendizados por ter ficado longe da família. Você dá mais valor à sua família, à sua vida. A dificuldade que você passa em grande parte dos clubes, problemas financeiros, de condição de trabalho, então a gente vai tendo uma experiência maior, a gente vai tendo um aprendizado dentro da carreira. E apesar do futebol ter seus altos e baixos, muitas vezes a gente está contente, mas tem momentos muito difíceis que dá vontade de você parar de jogar. Você vê coisas que não agradam, que não fazem bem, porque queira ou não, o futebol muda sua vida. Enquanto os outros têm o fim de semana pra passear, o nosso fim de semana é na segunda-feira, que não dá pra fazer nada. Então às vezes por amizades, por contatos com familiares, dá vontade de abandonar, de parar. Mas têm muitos momentos felizes que incentivam a gente a continuar.

O que você tem traçado como objetivos para o seu futuro?

Minha intenção é, por enquanto, continuar jogando, fazer um bom trabalho para chegar em equipes grandes. Acho que o sonho de todo jogador é chegar em equipes grandes do futebol brasileiro. E o meu não é diferente. Sei que a gente passa por dificuldades, mas a intenção é sempre essa, evoluir na carreira.

Entrevista 8

Como surgiu o interesse em jogar futebol?

Surgiu quando eu tinha sete anos e iniciei numa escolinha de futebol na minha cidade e lá eu me destacava entre os garotos da minha idade, e com 15 anos eu tive a oportunidade de fazer meu primeiro teste num clube profissional e, graças a Deus, fui feliz, passei nas peneiras e hoje eu estou no futebol procurando sempre melhorar nas dificuldades para estar sempre num ponto maior que os outros.

Você começou novo. O interesse partiu de você mesmo ou primeiramente foi um apoio e incentivo dos familiares, e depois você tomou gosto pela profissão?

É claro que se não tiver incentivo, a gente não vai a lugar nenhum. O principal incentivador da minha carreira foi a minha família, os meus pais, que apesar da dificuldade que passávamos, sempre me ajudaram, incentivaram a continuar jogando futebol. E como eu era o caçula da família, eles incentivavam mais ainda, para que eu pudesse ter algo diferente para mostrar e, com certeza, o apoio da família foi essencial, além da minha vontade de jogar, que sempre foi muito grande.

E como você se sente na sua carreira hoje?

Infelizmente, não é o que eu estava esperando. Eu tive uma passagem muito boa, anos atrás. Hoje as dificuldades são maiores, já que existem muitos jogadores no Brasil, para poucos clubes e a dificuldade em conseguir um emprego bom, que paga em dia, é maior ainda. Mas a gente está em busca de algo melhor, que a gente possa arrumar um clube que tenha sua situação em dia, para subir na vida e conseguir nossos objetivos, que é dar apoio à família. E hoje, também, ajudar a minha família, pois estou casado, com 25 anos e uma filha pra sustentar. Então eu quero dar um conforto melhor para meus familiares.

Entrevista 9

Como surgiu o interesse pelo futebol e por jogar?

Meu interesse no futebol é pelo fato de ter um irmão que já jogou futebol, em vários clubes. Então, através do incentivo e da força dele, eu resolvi ser jogador de futebol.

**Você tinha que idade? Como você começou?**

Eu comecei já em clube, nunca tive a chance de começar em escolinha. Comecei, muitas vezes, jogando na rua, em campos de várzea, e daí já fui para os clubes. Eu tinha oito anos.

E hoje, o que você pode relatar de experiências na sua carreira de atleta?

Só tenho coisas positivas para contar. Você aprende muitas coisas, apesar de o futebol apresentar o lado negro também. Mas na minha carreira, eu só tenho a ganhar, sempre aprendi coisas boas, conheci muitos lugares e espero conhecer mais ainda.

Você disse que o futebol tem um lado negro. Qual é esse lado?

O problema do futebol é que você fica muito tempo longe da família, longe da esposa, da noiva, da namorada, mas é em prol de um futuro melhor.

E nesse futuro que você citou, o que você planeja?

Planejo construir minha família, ajudar aqueles que precisam, aqueles que me ajudaram no passado e me ajudam hoje também. Amigos e familiares.

Entrevista 10**Como surgiu o interesse pelo futebol e em começar a carreira como atleta?**

Primeiro porque eu venho de uma família que é do meio esportivo. É uma carreira que eu me identifiquei bastante e busquei, desde os sete anos de idade, um objetivo na minha vida.

Quem da sua família, especificamente, o incentivou no futebol?

Meu pai não chegou a ser profissional do futebol, mas sempre jogou. Meus irmãos, tenho quatro irmãos, dois foram profissionais. E primos, também, que foram jogadores profissionais. Tive todas essas influências. E também por interesse próprio. Desde criança, despertou em mim o interesse em ser jogador profissional e com o incentivo da família não foi difícil conseguir esse objetivo.

E ao longo da sua carreira, que experiências, tanto positivas quanto negativas, você pode relatar? Qual balanço você faz?

Você sabendo entender e analisar o que é uma carreira de jogador de futebol, você consegue tirar proveito bastante positivo e o negativo você faz com que se torne positivo também. Primeiro, você tem que estar preparado para a ausência (de casa, da família), já que a maior parte da sua carreira, você fica sem a sua base, que é a sua família. Pessoas que você começa a gostar, você sabe que depois de um tempo você estará ausente dessa pessoa. Mas por outro lado, você aprende a ser homem, desde que você queira, começa a ver o mundo de uma forma diferente. Você sai de dentro da sua casa e vê que nem sempre o que você acha que é a vida é a realidade, porque só quando você começa a viajar e conhecer o mundo, você percebe que nem sempre o mundo é aquilo que você está acostumado a ver dentro da sua casa. Então é uma mudança radical. Mas quando você passa a se preparar para isso, e notar que a vida não é uma novela, que realmente você precisa saber entender o que é a vida, e cada dia ela traz surpresas novas, você começa a perceber que por mais que a gente cresça, por mais que a gente fique velho, a gente nunca vai entender como é a vida. Mas o futebol faz com que você entenda, pelo menos um pouco, e eu acredito que quando a gente quer, a gente passa a ser um ser humano um pouco melhor.

Você se considera uma pessoa feliz, que se sente realizado dentro do futebol? Por que?

Eu me considero vitorioso, porque é um mercado bastante competitivo, muitas pessoas acham que é uma vida fácil, mas se fosse tão fácil, todos seriam jogadores de futebol. Eu me sinto feliz porque eu consegui meus objetivos, consegui conhecer mais



um pouquinho do mundo. Me sinto feliz por ter realizado meu sonho, por ser, realmente, um atleta profissional de futebol, porque hoje eu me considero um atleta profissional, e não um jogador, pois há uma diferença muito grande. Quando eu tracei isso na minha vida, eu tive de abrir mão de várias coisas, pois tudo o que você tem como objetivo, tudo tem sacrifício, tudo tem troca, e eu troquei a maior parte da minha carreira à ausência da minha família. No momento, estou trocando a ausência dos meus filhos e da minha esposa. Mas tudo é uma troca. Eu me sinto feliz nessa troca, por ter realizado meu objetivo, e não me arrependo de nada, pois busquei meus objetivos sem pisar em ninguém, com bastante luta, seriedade e, acima de tudo, fé em Deus.

Você ainda traça planos no futebol?

Você vai aprendendo coisas na vida, e eu, aos 32 anos, passei a perceber que os planos são o dia-a-dia (pausa). Eu espero em Deus, sinceramente, espero em Deus. Não traço mais planos na minha vida, em termos de saber o que eu vou encontrar lá na frente ou não. Só peço à Deus que Ele me dê forças, e bastante lucidez para saber entender o que é bom e o que não é bom para mim. Se ainda eu tiver objetivo e tiver algum time pra mim dentro do futebol, eu vou procurar entender essa parte e saber aproveitar da melhor maneira possível. Caso não seja como jogador, que seja com outro cargo. Mas, paralelamente à minha profissão de atleta, eu já dei início a um trabalho social, que é uma escolinha. É uma coisa puxa a outra, hoje eu tenho esse trabalho social, e eu sei que através disso eu posso atuar como treinador, como olheiro, e eu estou deixando um dia após o outro se encarregar de escolher o meu destino, caso seja nessa profissão.

Entrevista 11

De onde veio esse interesse pelo futebol?

Primeiramente, eu comecei a jogar bola, creio eu, tarde demais. Porque antes de eu jogar bola, eu era jogador de beisebol. E no decorrer das amizades, dos amigos que jogavam futebol, depois que eu parei de jogar beisebol, me chamaram pra ir em escolinha de futebol. Eu tinha interesse de jogar bola, mas não tinha interesse em ser jogador profissional, porque eu estava vindo de um outro esporte, e quando eu vi amigos indo pra alguns times, levando esse esporte como profissão, eu me dediquei totalmente pra ser um jogador profissional como eles.

Com qual idade se deu essa troca do beisebol pelo futebol?

Foi com 9 anos que eu iniciei minha vida no futebol, na qual eu estou até hoje.

Qual o principal motivo que o levou a trocar?

O principal motivo foi que o beisebol não era um esporte propício para mim. O beisebol é um esporte em que se educa, e o futebol, além de você se educar, você está aprendendo.

Na sua carreira dentro do futebol, quais experiências foram as mais marcantes?

Você se considera uma pessoa feliz, realizada?

Bom, no futebol, o que eu posso contar, é que no começo eu tive sorte. Muitos atletas não tem sorte, mas eu tive e até hoje eu tenho. A gente pode dizer sorte, potencial e força de vontade. São três coisas que a gente não tiver hoje nessa vida, a gente não vai ter nada, a gente não vai conseguir nada. Não dá pra ser um grande jogador se não tiver sorte. E para ter sorte, você precisa buscá-la. Mas eu tive também muitas andanças, muitas pedras no caminho, muitas coisas que aconteciam que me davam vontade de parar de jogar.

O que, por exemplo?



Há um tempo atrás, no auge da minha carreira, eu fui pra alguns times de ponta e comecei a namorar muito cedo, então tinha momentos em que eu pensava em parar com o futebol pelas pessoas que estavam ao meu lado. E eu deixei de ir a muitos times bons por isso. Até o momento que eu me relacionei com uma menina, com a qual eu casei, e ficou grávida. E por ela não entender como é o futebol, eu tinha vontade de largar tudo e nunca mais jogar futebol. Hoje, na vida que a gente vive, se a gente não pegar força com as pessoas que são colegas da gente na profissão, a gente corre o risco de sempre querer parar. Meu casamento foi conturbado e cheguei a encerrar a carreira por causa da minha esposa, do filho, e atraso de pagamento. Então eu pensei que não era isso o que eu queria para minha família. Então eu larguei o futebol. Mas, com o passar do tempo, eu vi que eu estava errado. O futebol era minha profissão, era de onde eu ia tirar o dinheiro para sustentar minha família. Foi aí que eu vi que eu tinha errado. Só que depois que meu casamento acabou, eu voltei novamente ao futebol, e por isso que eu digo que eu tive sorte de ter pessoas como meus pais e irmã, que sempre me falaram para não desistir, que minha hora ia chegar. E eu guardava isso dentro de mim, apesar de saber que no futebol tem muita traiagem. Hoje, eu me considero feliz no que eu faço, gosto do que eu faço, mas têm momentos em que dá vontade de largar tudo porque o futebol é muito sujo.

E nesses momentos difíceis, de onde vem sua força?

Do meu pai, da minha mãe. E toda vez que eu entro no treino, toda vez que eu entro no jogo, eu visualizo meu filho. Eu vejo que ele vai depender muito de mim no futuro. E hoje, eu jogo pra ele. Eu tento jogar para mim, mas não consigo. Eu jogo para ele.

Quais são seus planos para a sua carreira?

Eu já tive lá em cima, e já tive lá embaixo. Hoje eu estou no meio. E a gente sabe que para a gente chegar lá em cima, precisa também de força de vontade e sorte. A sorte é você estar no dia certo, na hora certa, no momento certo, para você alcançar o objetivo maior, que é o topo. E esse objetivo você tem que buscar a cada dia, a cada treino, a cada jogo. Só que é aí que vem a pior parte. Por mais que você jogue, se você não tiver sorte, você não vai chegar onde você quer. Eu tenho como objetivo chegar num clube e mostrar para muitas pessoas, e principalmente para mim, que eu sou capaz de voltar e dar a volta por cima de tudo o que eu já passei na minha vida. (o entrevistado chegou às lágrimas)

Entrevista 12

Como surgiu o interesse pelo futebol?

Desde criança, eu já tinha esse interesse, esse objetivo de ser um jogador profissional, ser reconhecido. E tive a oportunidade de fazer um teste em 98 em um time profissional e passar no teste, e até hoje estou na profissão.

De quem partiu o interesse? Seu ou da sua família? Houve incentivo por parte dela?

Eu tive o incentivo da família, mas quem me indicou nesse time foi um amigo meu, que me indicou porque achava que eu tinha condição de ser jogador. Eu tive a felicidade de sair de casa e conseguir.

Hoje em dia, você se sente feliz dentro do futebol? O que você lista de prós e contra no futebol?

Eu me sinto uma pessoa realizada no futebol. Não consegui ainda o objetivo de ganhar dinheiro e bens materiais, mas sei que isso é a consequência de um bom trabalho. Você pode ser reconhecido a qualquer hora é essa é a minha esperança.

**Qual é o seu objetivo maior dentro do futebol? O que você planeja?**

Eu planejo ir para uma grande equipe do futebol brasileiro ou da Europa e buscar os bens materiais que eu quero. Quero uma vida melhor para mim e para minha família, tudo de melhor que a gente procura para nossos familiares.

Entrevista 13**De onde veio a vontade de jogar futebol?**

Meu interesse em jogar futebol foi como o interesse de todo o brasileiro. O brasileiro, quando nasce, é com a bola dentro da barriga. E o meu caso não foi diferente. Desde criança, meu sonho foi em jogar futebol. Comecei aos 9 anos de idade na escolinha perto de casa, e fui treinando. Aos 14 anos, tive a minha primeira oportunidade de jogar num clube de futebol profissional.

Você se sente uma pessoa feliz dentro do futebol? O que, na sua opinião, o futebol tem de positivo e negativo?

Dentro do futebol, já vivi algumas coisas. E entre elas, negativamente, o futebol é sujo, tem seus podres. Todos pensam que a vida do jogador de futebol é dentro das 4 linhas, que todo jogador é rico, mas não é por aí. Quase ninguém sabe, mas a vida do jogador fora de campo é difícil. A gente passa por cada uma. De positivo, no futebol a gente faz muitos amigos, e isso é a melhor coisa que tem.

E quais são seus planos? Que rumo você planeja para sua carreira?

O meu objetivo no futebol é chegar um dia a um grande clube, ou agora ou daqui a algum tempo. E quem sabe um dia, possa chegar à seleção.

Entrevista 14**Como surgiu a vontade em jogar futebol?**

Primeiro, eu venho de um lar em que meu pai e meu avô foram profissionais. O meu avô fez o primeiro gol da Ferroviária de Araraquara e do América de Rio Preto. Quando eu me vi, que estava entendendo alguma coisa da vida, sempre com bola na mão, presente, histórias, fotografias, acho que isso foi criando em mim motivação, desejo desse esporte, de ficar no meio do futebol. Conforme eu fui crescendo, eu entrei na escolinha e estou até hoje como jogador.

Ao longo de sua carreira, o que você pode pesar de experiências positivas e negativas que você viveu?

Vou começar pelas coisas positivas. Quando eu comecei a jogar futebol, a minha família teve altos e baixos em termos financeiros. Enquanto meu pai jogava, a gente tinha uma estrutura financeira boa. Mas quando ele parou, por não ter planejado a sua aposentadoria, houve uma época de frustração, de tentar voltar ao mercado de trabalho, mas não sabia muita coisa. Tudo o que ele arrumava, não lhe agradava. Então tivemos alguns problemas. Enquanto isso eu fui estudando, até completar o 2º grau. Quando eu terminei, eu era um dos destaques da Ferroviária, e fui vendido para o Vitória da Bahia. A minha intenção era fazer faculdade lá em Araraquara, mas por causa da minha transferência, não foi possível, porque jogador fica 6 meses aqui, um ano ali, é muito incerto. Essa é uma das minhas frustrações. Mas eu tenho aprendido muito, pois sou um homem casado e minha esposa tem me ajudado e quando eu tiver uma oportunidade de novo, voltarei a estudar. Ainda falando das coisas boas, o futebol me deu oportunidades que eu nem sonharia em viver em relação a bens que eu consegui conquistar, podendo dar um conforto para minha família. A própria educação que o futebol dá, em termos de conhecer pessoas influentes, importantes. Você aprende a se relacionar com todas essas pessoas. A amizade, viver em grupo, de



ver o problema do outro e poder ajudar, eu aprendi muito no meio do futebol. Gostaria também de dizer que na minha adolescência eu vi muitos amigos meus envolvidos com drogas, prostituição, crime e graças a Deus, por causa do esporte, eu tive uma vida longe de tudo isso. Eu acredito que colocando os prós e contra, eu só tenho a agradecer a Deus por tudo o que aconteceu na minha vida, por toda essa estrutura que ele me permitiu viver até hoje, em nível social, espiritual, econômico. Agora que eu estou atingindo uma maturidade e olho para trás para agradecer tudo o que me aconteceu dentro do futebol.

Você se sente uma pessoa feliz?

Completamente feliz. Agradeço a Deus por tudo o que tenho, pela minha família, por todos os títulos que eu conquistei. Pela misericórdia de Deus, fui convocado duas vezes para a seleção brasileira. Foram coisas que eu nunca sonhei em conquistar e quando eu comento com alguns amigos, eu digo que não era para eu ter sido um atleta profissional pelo meu biotipo. Mas quando eu estava nas categorias de base da Ferroviária, a diretoria achou que eu tinha condições e investiu em mim, desde a parte de crescimento até a parte de ensino. Eu tive um trabalho de fortalecimento muscular, de alimentação. Eu ainda era juvenil e já tinha um salário muito bom, maior até do que alguns profissionais. Então foi o carinho com que eles me trataram, porque era uma fase difícil da minha vida com relação à família, pelos problemas financeiros, e eles tiveram paciência comigo. Eu estou aqui hoje graças a essas pessoas que Deus colocou no meu caminho.

E você ainda tem objetivos dentro do futebol?

Eu estou com 30 anos, e até o ano passado eu esperava encerrar minha carreira e não mais me envolver com nenhuma função dentro do futebol, como treinador, auxiliar, dirigente. No entanto, nesse último ano, conheci algumas pessoas que me falaram algumas coisas e me coloquei a refletir. Ano passado eu comecei a faculdade de Direito. Além de atleta eu procuro compartilhar a palavra de Deus, que foi uma das coisas que eu tenho de mais preciosa na minha vida. Eu quero compartilhar isso e continuar sendo um homem correto, honesto, limpo dentro daquilo que eu conheci e vivi que é o futebol. Ainda é momento de eu parar para pensar um pouco e analisar se eu quero agora ser dirigente e ajudar o futebol a ser mais limpo, e não deixá-lo na mão de irresponsáveis. É isso que me faz pensar nessa carreira, porque não se pode permitir que o futebol continue administrado por pessoas que não o tem levado com profissionalismo, com respeito.

Entrevista 15

Como começou o seu interesse por jogar futebol?

Quando eu era moleque, eu sempre tive vontade em ser jogador de futebol. Meus pais me deram essa força e graças a Deus, hoje eu estou realizando um grande sonho de ser jogador profissional e buscando meus objetivos, que é estar em um clube grande, disputando campeonatos bons, campeonatos de linha, maiores e espero chegar lá, estou trabalhando para isso.

E dentro da sua carreira, o que você poderia apontar de prós e contra no futebol?

De prós, é que na nossa carreira como jogador de futebol, nós temos a amizade, né? O mais importante que eu tenho até agora é a amizade. As coisas que não deram muito certo foram que na nossa profissão tem muita "traíagem", dirigentes mentirosos que querem nos enganar. Mas agora não, agora nós estamos vacinados quanto à isso e esperamos que o futebol possa mudar pra que nós possamos ter um futuro melhor, não



só nós que somos mais experientes, mas a molecada que está começando agora ter um bom proveito pra frente.

E você pretende continuar no futebol quando encerrar a carreira ou ter outra profissão? E quais são seus planos hoje dentro do futebol?

Meus planos são continuar jogando até Deus me der saúde e força pra eu chegar em um clube de nome que possa disputar campeonatos à altura, e até um dia, se Deus me ajudar, chegar à seleção, que é um sonho de todos nós. Mas temos que começar devagar. Chegar primeiro num clube grande pra depois pensar na seleção.

Entrevista 16

Por que você quis tornar-se jogador de futebol?

Desde garoto, sempre gostei de jogar futebol e com incentivo do meu pai e da minha família foi que eu quis me tornar um jogador de futebol.

Esse incentivo partiu dos seus familiares e de você próprio? Como foi o apoio da sua família?

Foi como eu disse, eu sempre gostei de jogar futebol, e com o apoio da minha família, do meu pai, que sempre me incentivou muito, sempre gostou muito de futebol, eu acho que ficou mais fácil pra mim. Eu querendo e minha família apoiando, eu acho que fica sempre bem mais fácil.

Dentro do futebol, você se considera uma pessoa feliz? O que você pode relatar que aconteceu com você no futebol?

Olha, eu me considero uma pessoa feliz, porque eu faço o que eu gosto e então eu procuro sempre fazer bem feito. E eu fazendo o que eu gosto, eu estou fazendo o que meu pai gosta que eu faça, então é sempre bom a gente fazer isso aí e espero seguir muitos anos nessa carreira.

E falando nesse seu futuro que você planeja para sua carreira, quais os planos que você faz?

Planos de jogar numa equipe boa, considerada grande no futebol brasileiro, e pegar campeonatos bons, como campeonato brasileiro, campeonato paulista da série a-1 que é objetivo de todo jogador.

Entrevista 17

Como surgiu o interesse pelo futebol?

O futebol na minha vida apareceu de uma maneira muito engraçada, porque eu fazia atletismo como incentivo da minha mãe, devido ao problema de saúde que eu tinha, que era bronquite. Então eu fazia natação e atletismo. E meus amigos de atletismo me convidaram para fazer um teste de fut-sal num clube que tem em São Paulo e quando eu vi, meu amigo não passou no teste, e quem foi aprovado no teste fui eu. Esse foi o início da minha carreira. E como meu pai tinha sido atleta, ele começou a me incentivar, a me levar nos treinos, e eu sempre dizia "ah, não, não quero". Mas meu pai disse para eu ir, tentar, que de repente eu poderia gostar. E assim foi minha iniciação.

Então foi mais por vontade do seu pai do que propriamente sua no começo?

Foi, ele foi um jogador de futebol frustrado que teve um acidente com o joelho dele, ele era o único filho homem e o mais velho e tinha responsabilidade de trabalhar, e não foi possível continuar jogando. Aí ele ficou meu frustrado, ficou um adulto frustrado, tanto é que eu e meu irmão jogamos futebol por um incentivo muito grande dele. É complicado, né? Mas eu gosto de estar satisfazendo o meu sonho e satisfazendo também o sonho dele.



Faça um relato da sua carreira: se você gosta do que faz, se você se sente realizado.

Hoje em dia eu me sinto realizado. O que mais me realiza no futebol é a oportunidade de poder conhecer outros lugares, outras cidades, muitas pessoas, muitos amigos no meio do futebol, isso é o que é mais gratificante. E as viagens também. As viagens são muito interessantes. Eu tenho certeza que qualquer pessoa no mundo sonha em conhecer outros lugares, outros países, e graças a Deus, já tive três oportunidade de conhecer outros lugares e pra fazer o que eu gosto, que é jogar futebol. Para mim, esse é o marco mesmo da profissão, poder viajar.

Quais objetivos você tem traçado no futebol?

Eu tenho a oportunidade de viajar mais pra frente pra Europa, que é onde eu quero jogar. Meu sonho mesmo, meu objetivo que eu tracei é jogar na Europa. Lá o futebol é diferente, a vida é diferente, tudo é diferente. E eu quero jogar lá pra sempre, não quero sair nunca mais.

Entrevista 18

Como e quando surgiu o seu interesse por futebol?

Meu interesse pelo futebol surgiu quando eu era pequeno, a gente morava num sítio e já que eu estive muito envolvido com futebol, meu pai me deu muito apoio e graças a Deus eu estou tendo uma carreira.

Você disse que teve apoio do seu pai. Como foi isso?

A vontade de jogar futebol partiu de uma iniciativa minha mesmo. Porque ele não entende muito de futebol, mas sempre que ele pôde, ele me deu forças.

Na sua carreira, como você se sente? O que você analisa de prós e contras no mundo do futebol?

Se você está fazendo o que você gosta, tudo soma de forma positiva. Graças a Deus eu faço o que eu gosto e vou conseguir meus objetivos devagarzinho.

E quais são esses objetivos?

Primeiramente, poder conseguir dar uma casa pra minha família. É um sonho que eu tenho, e tenho certeza que vou conseguir realizar.